



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IPS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI
MESTRADO ACADÊMICO E DOUTORADO



BEATRIZ RIBEIRO CORTEZ CARDOZO BARATA DE ALMEIDA HESSEL

**UM ESTUDO EXPERIMENTAL SOBRE PRECONCEITO DE GÊNERO, EMPATIA
E CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL**

Salvador - BA
2021

BEATRIZ RIBEIRO CORTEZ CARDOZO BARATA DE ALMEIDA HESSEL

**UM ESTUDO EXPERIMENTAL SOBRE PRECONCEITO DE GÊNERO, EMPATIA
E CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho

Orientadora: Profa. Dra. Elza Maria Techio

Salvador - BA
2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

H587 Hessel, Beatriz Ribeiro Cortez Cardozo Barata de Almeida.
Um estudo experimental sobre preconceito de gênero, empatia e culpabilização da vítima de violência sexual / Beatriz Ribeiro Cortez Cardozo Barata de Almeida Hessel. – 2021.
121 f.: il.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Elza Maria Techio
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia, Salvador, 2021.

1. Psicologia social. 2. Sexismo. 3. Ambivalência. 4. Empatia. 5. Sexo. 6. Violência.
I. Techio, Elza Maria. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD: 155



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
Instituto de Psicologia - IPS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI
MESTRADO ACADEMICO E DOUTORADO



TERMO DE APROVAÇÃO

**“UM ESTUDO EXPERIMENTAL SOBRE PRECONCEITO DE GÊNERO,
EMPATIA E CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA SEXUAL”**

Beatriz Ribeiro Cortez Cardozo Barata de Almeida Hessel

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Elza Maria Techio (Orientadora)
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof.^a Dr.^a Ana Raquel Rosas Torres
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. Dr. Marcos Emanuel Pereira
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Salvador, 12 de março de 2021.

Dou fé.

Prof.^a Dr.^a Elza Maria Techio

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à todas as mulheres que já sofreram algum tipo de violência sexual, e a seus familiares que sofreram junto às vítimas. Este estudo é uma tentativa de contribuição para que a violência sexual seja vista por uma nova perspectiva e para que as mulheres não passem mais por experiências como esta.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas fizeram parte da minha caminhada até a conclusão deste trabalho. Infelizmente, como são muitas pessoas, não será possível agradecer a todas. Mas desde já deixo meu muito obrigada a todos que participaram desta caminhada comigo.

Primeiramente, quero agradecer a Deus pela oportunidade e concretização deste estudo, que acredito que tornou-se uma semente que pode gerar frutos futuros para a nossa população.

Agradeço à Fapesb pelo suporte financeiro através da minha bolsa de pesquisa, o que com certeza foi imprescindível para que eu pudesse realizar um trabalho de qualidade.

Muito obrigada ao meu programa de pós-graduação, que acolheu a minha pesquisa e contribuiu muito na minha formação enquanto profissional da psicologia, professora e pesquisadora.

Agradeço ao meu grupo de pesquisa, no qual tanto os professores quanto os colegas me apoiaram nesta caminhada acolhendo meu trabalho e forçando sugestões valiosas para sua melhoria. Em especial, muito obrigada à minha orientadora, que acolheu a proposta da minha pesquisa e me ajudou em todo o processo de sua construção.

Muito obrigada à Jéssica, minha querida amiga que o mestrado me trouxe como presente. Pudemos compartilhar nossas vitórias e nos ajudar em momentos delicados, apoiando uma a outra pelo caminho.

Agradeço também a todos os meus queridos colegas que me acompanharam nas disciplinas e pudemos compartilhar ótimos momentos, em especial Danilo e Tainá.

Muito obrigada aos professores e professoras da minha banca, que aceitaram acolher meu trabalho e com certeza irão oferecer novas perspectivas e contribuições valiosas para sua melhoria.

Muito obrigada a Klessyo, meu companheiro de jornada e de vida, que sempre me incentivou e me apoiou tanto nos momentos de alegria quanto nos momentos de percalços pelo caminho.

Assim como agradeço também ao Martin e à Lara, sem eles me fortalecendo esta caminhada não teria sido a mesma.

O mestrado foi um momento muito especial da minha vida, levo muitos aprendizados não apenas a nível acadêmico mas também enquanto experiência de vida.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a relação entre o preconceito de gênero (sexismo ambivalente), a empatia, as emoções e a culpabilização (da vítima e do agressor) pelo assédio sexual, considerando o sexo dos participantes e o contexto em que ocorre o assédio sexual (carnaval, trabalho, neutro). O sexismo ambivalente está relacionado à violência sexual contra a mulher e à altas taxas de culpabilização da vítima, enquanto a empatia vem sendo associada à redução do preconceito de gênero. Deste modo, propõe-se neste estudo a utilização da metodologia quantitativa, constituindo-se em uma pesquisa experimental. Para isso, foram aplicados o Inventário de Sexismo Ambivalente, os questionários de Empatia em relação à mulher vítima de violência sexual, Emoções e Culpa e Responsabilidade no assédio sexual. O estudo foi composto por 358 participantes distribuídos em 3 grupos experimentais, cada um deles relacionado à vinhetas de histórias fictícias de assédio sexual contra a mulher, em um contexto de carnaval, trabalho e neutro. Os resultados encontraram diferenças na percepção do assédio sexual no contexto do carnaval, em comparação ao contexto neutro, no qual a empatia e as emoções negativas foram mais ativadas no contexto do carnaval. Além disso, o estudo aponta para a possível importância das mudanças sociais na ausência de diferenças encontradas entre homens e mulheres.

Palavras-chave: sexismo ambivalente; empatia; culpabilização da vítima; emoções; violência sexual.

ABSTRACT

The present study aims to evaluate how the interaction between ambivalent sexism, empathy, emotions, sex of the participants, blaming the victim and the man's responsibility for sexual harassment occurs, in the context of different scenarios of sexual harassment against women. Ambivalent sexism is related to sexual violence against women and high victim blame rates, while empathy has been linked to a reduction in gender bias. Thus, this study proposes the use of quantitative methodology, constituting an experimental research. For this, the Ambivalent Sexism Inventory, the Empathy in relation to the woman victim of sexual violence, Emotions and Guilt and Responsibility in sexual harassment questionnaires were applied. The study was composed of 364 participants distributed in 3 experimental groups, each one related to the vignettes of fictional stories of sexual harassment against women, in a context of carnival, work and neutral. The results found differences in the perception of sexual harassment in the context of carnival, compared to the neutral context, in which empathy and negative emotions were more activated in the context of carnival. In addition, the study points to the possible importance of social changes in the absence of differences found between men and women.

Key words: ambivalent sexism, empathy, blaming the victim, emotions; sexual violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1. Análise descritiva das profissões.....	47
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dados sociodemográficos dos participantes.....	45
Tabela 2. Porcentagem e Resíduos Padronizados das condições experimentais em função do sexo dos participantes.....	55
Tabela 3. Matriz de componentes rotacionados da análise fatorial exploratória com rotação varimax da medida de Emoções.....	58
Tabela 4. Matriz de componentes rotacionados da análise fatorial exploratória com rotação varimax da medida de Empatia em relação às Mulheres Vítimas de Violência Sexual.....	60
Tabela 5. Matriz de componentes rotacionados da análise fatorial exploratória com rotação varimax da medida de Culpa e Responsabilidade no Assédio Sexual.....	62
Tabela 6. Análisa descritiva da Anova Univariada do Sexismo Hostil em função do contexto em que o assédio ocorre.....	63
Tabela 7. Análisa descritiva da Manova do Sexismo Hostil e Benévolo em função do contexto em que o assédio ocorre e sexo dos participantes.....	64
Tabela 8. Análisa descritiva da Anova Univariada da Culpa e responsabilidade no assédio sexual em função do contexto em que ocorre o assédio sexual.....	65
Tabela 9. Análisa descritiva da Manova da Culpabilização da mulher vítima de violência sexual em função do contexto em que ocorre o assédio sexual e sexo dos participantes.....	67
Tabela 10. Análisa descritiva da Anova Univariada da Empatia em relação à mulher vítima de violência sexual em função do contexto em que ocorre o assédio.....	68
Tabela 11. Análisa descritiva da Manova da Empatia em relação à mulher vítima de	

violência sexual em função do contexto em que ocorre o assédio e sexo dos participantes.....	68
Tabela 12. Análisa descritiva da Anova Univariada das Emoções em função do contexto em que ocorre o assédio.....	69
Tabela 13. Análisa descritiva da Manova das Emoções Negativas e Positivas em função do contexto em que ocorre o assédio e sexo dos participantes.....	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFCP	Análises Fatoriais dos Componentes Principais
AFE	Análise Fatorial Exploratória
CEP-IPS	Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
ISA	Inventário de Sexismo Ambivalente
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFBA	Universidade Federal da Bahia
SH	Sexismo Hostil
SB	Sexismo Benévolo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. SEXISMO AMBIVALENTE, EMPATIA E CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA: CONCEPÇÕES TEÓRICAS E EMPÍRICAS.....	21
1.1 SEXISMO AMBIVALENTE: CONCEITO E FORMAÇÃO	21
1.2 CARACTERIZAÇÃO DO SEXISMO AMBIVALENTE.....	24
1.3 SEXISMO AMBIVALENTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	28
1.4 COMPREENDENDO A EMPATIA.....	30
1.5 COMPONENTES DA EMPATIA	33
1.6 RELAÇÃO ENTRE EMPATIA E SEXISMO AMBIVALENTE: MAS AFINAL, EXISTE ASSOCIAÇÃO ENTRE EMPATIA E SEXISMO?	37
2 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	40
2.1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	40
2.2 OBJETIVO GERAL.....	40
2.3 HIPÓTESES.....	41
3 MÉTODO.....	43
3.1 PARTICIPANTES	43
3.2 INSTRUMENTOS.....	47
3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA	52
3.4 QUESTÕES ÉTICAS	52
3.5 ANÁLISE DOS DADOS	54
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	56

4.1 ANÁLISES FATORIAIS EXPLORATÓRIAS (AFES)	56
4.1 TESTES DAS HIPÓTESES	62
5 DISCUSSÃO	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	114

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como temática a influência da empatia sobre o sexismo ambivalente. O sexismo é um tipo de preconceito caracterizado como sendo respostas emocionais (Amodio, 2014), afirmações e atos negativos, além de práticas organizacionais e institucionais, que prejudicam os indivíduos por causa de seu gênero, contribuindo para a manutenção das desigualdades sociais entre os gêneros e do sistema patriarcal e machista (Becker & Sibley, 2016; Filho, Eufrásio, & Batista, 2011).

O sexismo ambivalente é constituído por dois tipos de sexismo, o hostil e o benevolente. O sexismo hostil, designado como práticas e atos negativos e explícitos que desvalorizam as mulheres, bem como comentários depreciativos e piadas ofensivas, além de sua objetificação sexual. Já o sexismo benevolente é expressado por comportamentos que parecem positivos mas são negativos, refletindo o paternalismo, o incentivo e expectativas de que as mulheres assumam papéis congruentes à feminilidade, as desencorajando a se comportar de modo tradicionalmente não feminino e, assim, reiterando de modo sutil a diferenciação entre os gêneros masculino e feminino (Brinkman, Dean, Simpson, McGinley, & Rosén, 2015; Fitz & Zucker, 2014).

Além disso, o sexismo ambivalente tem como algumas de suas consequências a dominação, a manutenção da opressão e os diversos tipos de violências contra a mulher (Filho et al., 2011), dentre elas a agressão e a violência sexual do homem contra a mulher, tal como sugere Stewart (2014). A violência sexual é definida como todo e qualquer ato sexual, ou tentativa de ocorrência deste, sem o consentimento da vítima, e que se utiliza de ameaça, força física, manipulação, chantagem e suborno, sendo mais frequente de ocorrer contra as mulheres (Bueno, Pereira, & Neme, 2019; Decreto Lei Nº 12.015/2009, 2009; Freedman,

2013; Lima, Larocca, & Nascimento, 2019; Sousa, Coelho, Mattos, Valadares, Lima, Costa, & Sousa, 2019).

Como contraponto ao sexismo, a empatia tem sido evidenciada como um dos mecanismos psicológicos e afetivos envolvidos na redução do preconceito e da discriminação. A empatia é uma emoção social positiva, conceituada como a capacidade de adotar espontaneamente a perspectiva do outro, passando a compreender seus sentimentos, usando respostas emocionais apropriadas ao estado emocional do outro (Batson, 2011; Batson, Lishner, & Stocks, 2015; Boag & Carnelley, 2016). Ela pode mediar o contato intergrupal e o preconceito, trazendo benefícios às relações intergrupais (Boag & Carnelley, 2016; Shih, Wang, Bucher, & Stotzer, 2009). A tomada de perspectiva de um membro do exogrupo reduz não somente o preconceito, mas também o comportamento discriminatório, direcionado a este (Shih et al., 2009).

Como as respostas empáticas se propõem à atender a necessidade de bem-estar percebida no outro e estão envolvidas na orientação de cuidado, de onde emerge a preocupação com o bem-estar do outro (Batson, 2011; Batson et al., 2015; Staub, 2015), a probabilidade de auxílio fornecido às pessoas em sofrimento também aumenta. A empatia apresenta como propósito ajudar as pessoas à quem a empatia é direcionada, permitindo que se auxilie, por exemplo, pessoas desfavorecidas, oprimidas e estigmatizadas pela sociedade (Batson, 2011; Batson et al., 2015).

O sexismo, por ser uma forma de preconceito caracterizada por emoções e sentimentos negativos, e a empatia, enquanto sentimento positivo que proporciona comportamentos de aproximação e ajuda, podem ser fatores importantes para a compreensão das relações construídas socialmente, já que na atualidade há cada vez mais relatos e notificações de mulheres que sofrem algum tipo de violência sexual, abuso e maus tratos em seu cotidiano.

Devido as subnotificações dos casos, há uma dificuldade em obter a quantidade exata de casos de violência sexual contra a mulher (Ipas Brasil, 2005; Souza, Drezett, Meirelles, & Ramos, 2013). Entretanto, é possível compreendê-los por meio de documentos do governo federal brasileiro, como o do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019), que afirma que em 2018 foram registradas 66.041 ocorrências de violência sexual no Brasil, o que corresponde à 180 casos de estupro por dia. 81,8% dos casos vitimaram o sexo feminino, e destes, 47,3% ocorreram com mulheres adolescentes e adultas.

A violência contra a mulher, incluindo a violência sexual, volta a se intensificar durante a pandemia do Covid-19 devido ao isolamento social que torna as mulheres mais susceptíveis à violência perpetrada por seu parceiro íntimo. O isolamento social também gerou uma diminuição dos índices de denúncias de violência sexual nesta população. Entretanto, prevê-se que isso ocorreu possivelmente pela menor possibilidade de acesso aos serviços de apoio, além da presença constante do agressor intimidando a vítima. Deste modo, o agravamento das desigualdades sociais e de gênero ocasionadas pela pandemia tornam ainda mais necessária a atenção às mulheres vulnerabilizadas socialmente (Ferreira, Silva, Montovani, Colares, Ribeiro, & Stofel, 2020; Marques, Moraes, Hasselmann, Deslandes, & Reichenheim, 2020).

A violência sexual é, por si só, um ato de alto impacto e sofrimento para vida da mulher, visto que envolve agressões, ferimentos, ameaças, intimidação psicológica, uso de força física e invasão do corpo da mulher, na qual lhe é retirada sua autonomia e direitos de decisão sobre seu próprio corpo (Souza et al., 2013). A violência sexual traz também, posteriores ao ocorrido, consequências psicológicas e sociais que interferem na qualidade de vida da mulher.

A violência sexual contra a mulher é uma das principais causas de estados psíquicos adoecedores das brasileiras, como depressão, ansiedade, transtorno do estresse pós-

traumático, uso abusivo de álcool e drogas, retraimento e isolamento social, além de autoimagem e autovalor depreciativos, sentimentos de insegurança, incapacidade, desamparo, vergonha, culpa e impotência diante da vida, e até mesmo tentativas recorrentes de suicídio (Barbosa, Dantas, Silva, & Silva, 2010; Freitas & Farinelli, 2016; Ipas Brasil, 2005; Souza et al., 2013). Para além do adoecimento, a violência sexual também está associada à questões sociais, como abandono dos estudos e da casa, separação conjugal, perda do emprego e entrada na prostituição (Souza et al., 2013).

A violência sexual contra a mulher é um problema social, uma questão de segurança pública, justiça social e saúde pública, necessitando de políticas públicas e integradas para contê-la, pois gera diversas consequências às vítimas (Barbosa et al., 2010; Brasil, 2015; Freitas & Farinelli, 2016; Netto, Moura, Queiroz, Tyrrell, & Bravo, 2014; Souza et al., 2013).

A violência sexual está amplamente associada ao sexismo ambivalente, e se configura em um problema mundial. Pesquisas relatam que o sexismo ambivalente está associado aos diversos tipos de violência contra a mulher e a comportamentos que legitimam, reforçam e justificam a violência sexual contra a mulher, e atribuem maior culpabilização e depreciação à vítima e não ao agressor (Becker & Sibley, 2016; Garaigordobil, 2014; Giovannelli & Jackson, 2013; Glick & Fiske, 1996; Gracia, García, & Lila, 2014; Koepke, Eyssel, & Bohner, 2014; Lila, Gracia, & García, 2010; Renzetti, Lynch, & DeWall, 2015; Stewart, 2014).

Ademais, a culpabilização da vítima sofre um efeito racial, há maior atribuição de culpa à vítima negra em comparação à vítima branca, devido aos estereótipos raciais que se somam aos estereótipos de gênero (Ghavami & Peplau, 2012; Katz, Merrilees, Hoxmeier, & Motisi, 2017). Além disso, o sexismo ambivalente dificulta até mesmo o reconhecimento das mulheres sobre suas experiências de agressão sexual, enquanto vivências de violência sexual (LeMaire, Oswald & Russell, 2016).

Diante deste grave problema, é relevante estudá-lo a fim de contribuir para a ampliação da qualidade de vida das mulheres na sociedade e para a elaboração de políticas públicas de cuidado e assistência a esta população. Portanto, este estudo possui relevância social visto que, a violência contra a mulher é um problema de saúde pública que impacta fortemente suas vidas. Assim, espera-se que a pesquisa proporcione subsídios e contribua, futuramente, para intervenções no enfrentamento e diminuição do sexismo e nas práticas sexistas.

Cabe destacar também a importância de estudar, além dos mecanismos que reforçam a violência sexual contra a mulher e o sexismo ambivalente, os mecanismos psicológicos que enfraquecem estas práticas, tais como a empatia, para que se possa obter subsídios que embasem estratégias positivas de enfrentamento mediante políticas públicas. O trabalho também se justifica pois não foram encontradas pesquisas, em busca bibliográfica realizada para este estudo, sobre a relação entre sexismo ambivalente e empatia no contexto brasileiro. Todavia, estudos realizados em outros contextos vêm demonstrando uma forte associação entre sexismo ambivalente e empatia, e a consequente redução do preconceito de gênero quando a empatia é ativada (Garaigordobil, 2014; Stewart, 2014).

Em levantamento bibliográfico realizado para fundamentar o presente trabalho, foram encontrados nas plataformas de pesquisa Google Acadêmico, Scielo, Bvs-psi e Bvs-saúde (Biblioteca Virtual em Saúde), a partir dos descritores (em português e inglês) empatia e sexismo ambivalente, no período de 2010 à 2021, foram encontrados somente 12 artigos publicados sobre a relação entre sexismo ambivalente e empatia (Ferguson & Ireland, 2012; Ferrão & Gonçalves, 2015; Garaigordobil, 2014; Gracia, García, & Lila, 2011, 2014; Hellmer, Stenson, & Jylhä, 2018; Kochersberger, Ford, Woodzicka, Romero-Sanchez, & Carretero-Dios, 2014; Lila, Gracia, & García, 2010, 2013; Nicol & Rounding, 2013; Ruiz, Expósito, & Bonache, 2010; Stewart, 2014). Estes trabalhos foram produzidos em diversas

regiões do mundo, como na Espanha, Canadá e Estados Unidos da América. Entretanto, nenhum deles tratou, especificamente, sobre o sexismo e a empatia no contexto brasileiro e/ou nordestino. Nenhum deles também trazia a empatia direcionada à vítima de violência sexual, apesar de alguns estarem inseridos no contexto de violência doméstica ou sexual contra a mulher (Gracia et al., 2011, 2014; Lila et al., 2010, 2013; Ferguson & Ireland, 2012; Ferrão & Gonçalves, 2015).

Esses resultados evidenciam que existe uma escassez teórica sobre o tema proposto e trazem a necessidade da realização de estudos com esta temática. E torna-se imprescindível investigar estas variáveis no contexto brasileiro, visto que o Brasil tem sua própria cultura e maneiras de se relacionar. Assim, o presente trabalho possui relevância social e científica por se propôr a preencher uma lacuna teórica sobre a temática. Será, possivelmente, o primeiro estudo a ser realizado no Brasil sobre a relação entre empatia e sexismo ambivalente.

O presente estudo tem por objetivo analisar a relação entre o preconceito de gênero (sexismo ambivalente), a empatia, as emoções e a culpabilização (da vítima e do agressor) pelo assédio sexual, considerando o sexo dos participantes e o contexto em que ocorre o assédio sexual (carnaval, trabalho, neutro).

Delimita-se como problema de pesquisa: de que maneira a percepção do assédio sexual contra a mulher em diferentes contextos é influenciada pelo Sexismo Ambivalente, Empatia, Emoções ativadas, Culpabilização da vítima e do agressor, e sexo dos participantes?

1. SEXISMO AMBIVALENTE, EMPATIA E CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA: CONCEPÇÕES TEÓRICAS E EMPÍRICAS

Este capítulo se propõe a apresentar as concepções teóricas utilizadas neste trabalho no que se refere ao sexismo e à empatia, constituindo o aporte necessário para a compreensão das relações existentes entre os contrutos.

1.1 Sexismo Ambivalente: Conceito e formação

O conceito de preconceito surge com Gordon W. Allport em 1954 (1995), como uma antipatia sentida ou expressada, direcionada a um grupo como um todo ou a membros do grupo, e que é fundamentada na generalização dos indivíduos. Além disso, diferentemente de um pré-julgamento, o preconceito resiste à qualquer evidência que o contradiga ou refute.

Para isso, depreende-se que a percepção humana promove a diferenciação entre grupos, denominados endogrupo e exogrupo (Allport, 1995; Pereira, 2013; Tajfel, 1982). Na teoria da diferenciação intergrupar, o endogrupo é visto com favoritismo, e seus membros são cooperativos entre si, enquanto tendem a menosprezar os membros do exogrupo, gerando comparação e rivalidades entre o endogrupo e exogrupo, ou seja, o nós *versus* eles (Pereira, Torres, & Almeida, 2003; Tajfel, 1982). Assim, relações intergrupais são fundamentadas no processo de categorização social, no qual traços específicos esperados socialmente são associados a grupos ou a determinadas categorias sociais (Pereira et al., 2003).

O processo de categorização social aplica rótulos verbais sobre membros de grupos sociais, tornando-os homogêneos e não fornecendo espaço para as suas singularidades, prega que os indivíduos são semelhantes quanto à crenças, intenções e comportamentos, aplicando

uma representação mental ou conjunto de informações sobre os traços dos membros representativos do grupo (Pereira, 2013).

As generalizações, a que Allport (1995) se refere em sua definição de preconceito, são obtidas por meio do processo cognitivo da categorização, que ocorre de modo irracional, automático e natural. A categorização permite o ordenamento e simplificação da grande quantidade de informações complexas recebidas do ambiente do indivíduo. Deste modo, é possível que ele se adapte cognitivamente e comportamentalmente e construa um conhecimento sobre os entes (indivíduos e objetos) de maneira facilitada e rápida, com o máximo de economia cognitiva. Este processo advém da cognição humana, passando a ser aplicado do mundo natural para o mundo social. Assim, o fluxo contínuo de informações recebidas do ambiente é condensado em um conjunto de estímulos organizados, reduzindo sua complexidade (Macrae & Quadflieg, 2010; Pereira, 2013; Stangor, 2016; Tajfel, 1982). Entretanto, o processo de categorização social também deixa as diferenças intergrupais mais nítidas ou, até mesmo, cria novas diferenças, sem que necessariamente elas existam de fato (Tajfel, 1982).

As imagens ou conteúdos das categorias sociais são transmitidos aos membros dos grupos por meio do processo de assimilação da informação social, um processo de aprendizagem social. Este ocorre desde a infância, onde a criança aprende a se identificar com seu próprio grupo e, simultaneamente, a diferenciar seu grupo dos demais grupos (Tajfel, 1982).

O processo de assimilação, e conseqüente categorização, fundamenta a existência de conflitos intergrupais e preconceitos na vida adulta, fomentando a base para estes fenômenos sociais. Sendo assim, enquanto a categorização molda cognitivamente as atitudes intergrupais, a assimilação das normas e valores sociais constituem o conteúdo destas atitudes (Tajfel, 1982).

Um outro processo originado a partir da categorização social junto às normas sociais é a hierarquização dessas categorias. Esta cria preconceitos que mantêm as relações de poder entre os grupos sociais. Tem-se como exemplo a percepção de que as mulheres são “mais fracas” (Stangor, 2016) em relação aos homens.

De acordo com as leituras realizadas, é possível compreender que, apesar da categorização ser uma tendência humana natural e automática por fazer parte da evolução humana, a hierarquização das categorias sociais surge no contexto social em que o indivíduo está incluído e que produz normas sociais que valorizam alguns grupos enquanto desvaloriza outros (Allport, 1995; Macrae & Quadflieg, 2010; Pereira, 2013; Pereira et al., 2003; Stangor, 2016; Tajfel, 1982). Podemos pensar sobre a categoria homens, os quais são socialmente mais valorizados do que as mulheres. A exemplo do setor trabalhista, onde os homens são vistos como mais racionais e assertivos em comparação às mulheres, vistas comumente como menos competentes, em cargos de liderança e competitividade (Lemonaki, Manstead, & Maio, 2015).

Neste contexto, é possível compreender o processo de formação do sexismo ambivalente, que é um tipo de preconceito de gênero. É conceituado como sendo respostas emocionais negativas que prejudicam os indivíduos por causa de seu gênero. O sexismo ambivalente possui duas dimensões, uma hostil e outra benévola, no qual ambas são expressadas por meio de comportamentos sociais e práticas organizacionais e institucionais negativas que podem ser explícitas (hostil) ou implícitas (benevolente) (Amodio, 2014; Becker & Sibley, 2016; Brinkman et al., 2015; Fitz & Zucker, 2014; Filho et al., 2011).

Estudos tecem uma crítica ao conceito de preconceito elaborado por Allport pois afirma que ele incluiria apenas o aspecto hostil do sexismo, e não incluiria o seu aspecto benevolente (Glick & Fiske, 1996; Rudman, 2005). Neste contexto, Rudman (2005) afirma que Allport teria ignorado os preconceitos sexuais e de gênero, o que levou a uma definição

estreita do preconceito como sendo uma antipatia, e não como um fenômeno de camadas mais profundas e manifestações sutis, como o sexismo benévolo. A única menção à discriminação de gênero que Allport traz, segundo a autora, é a que associa as mulheres ao exogrupo em relação aos homens, e por isso, elas não são aceitas por eles. Isso traria uma diferenciação no tratamento fornecido pelos homens em direção às mulheres. Entretanto, Allport afirma que isso não configuraria um preconceito especificamente, e assim, infelizmente ele não consegue acessar o fenômeno do sexismo em suas análises (Rudman, 2005).

1.2 Caracterização do Sexismo Ambivalente

Existem três tipos de sexismo, a saber: o sexismo moderno, no qual as pessoas produzem atos sexistas porém não reconhecem a existência de discriminações e desigualdades de gênero; o neosexismo, onde os sexistas sentem-se em um conflito entre o desejo por valores igualitários e os sentimentos negativos residuais em relação às mulheres; e o sexismo ambivalente (Becker & Sibley, 2016), a ser estudado no presente trabalho.

O sexismo ambivalente é um preconceito de gênero caracterizado por respostas emocionais, discursivas e comportamentais negativas, além de práticas organizacionais e institucionais, direcionadas às mulheres por causa de seu sexo, trazendo consigo diversos prejuízos para sua qualidade de vida (Amodio, 2014; Becker & Sibley, 2016; Filho et al., 2011). O sexismo ambivalente é composto por duas dimensões, a hostil e a benevolente.

O sexismo hostil é definido assim como o preconceito foi definido por Allport na década de 1950, como uma antipatia fundamentada em uma generalização rígida dos membros do exogrupo, expressada por comportamentos e práticas negativas e explícitas que desvalorizam os indivíduos com base em seu gênero, sobretudo as mulheres. Deste modo,

ocorrem afirmações depreciativas, piadas ofensivas e, até mesmo, objetificação sexual delas (Brinkman et al., 2015; Fitz & Zucker, 2014; Glick & Fiske, 1996).

Já a dimensão benevolente configura-se como uma ampliação do conceito clássico do preconceito (Allport, 1995), pois sua expressão vai além de comportamentos explícitos, sendo sua vertente implícita e sutil. Além disso, é designado como comportamentos negativos que aparentam ser positivos. Assim, o sexismo benevolente é expressado por meio de atos de cavalheirismo, cuidado e proteção fornecido à mulher, comportamentos que parecem ser positivos mas que têm em sua constituição crenças negativas sobre a mulher. São crenças e afirmações de que as mulheres devem ser protegidas e cuidadas devido a sua fragilidade e menor competência em comparação aos homens, pois as mulheres estão em posição inferior à dos homens. Estes atos incentivam o paternalismo e constroem expectativas de que as mulheres adotem papéis sociais femininos, as desencorajando ao oposto, e funcionam sem a necessidade de uma coerção explícita (Becker & Sibley, 2016; Brinkman et al., 2015; Fitz & Zucker, 2014; Glick & Fiske, 1996).

Essas práticas reiteram as diferenças entre os gêneros, delimitando as mulheres como indivíduos maravilhosos mas fracos e dependentes da proteção paternalista masculina (Becker & Sibley, 2016; Brinkman et al., 2015; Fitz & Zucker, 2014; Glick & Fiske, 1996). Glick e Fiske (1996) relatam que os comportamentos produzidos pelo sexismo benevolente geram comportamentos pró-sociais, como de ajuda e proteção das mulheres. Mesmo assim, ainda são atos preconceituosos e negativos que geram consequências prejudiciais à vida da mulher, como a manutenção do domínio masculino sobre elas e a desigualdade entre os gêneros nas relações sociais, laboriais e políticas (Glick & Fiske, 1996; Lemonaki et al., 2015).

Além destas consequências, a frequente exposição das mulheres ao sexismo benevolente pode favorecer a internalização de crenças de auto-silenciamento e de auto-objetificação, a promoção da percepção do sistema de gênero como justo e a diminuição do

engajamento em ações coletivas de enfrentamento às desigualdades de gênero, como em manifestações feministas (Becker & Sibley, 2016).

O sexismo ambivalente apresenta-se nos atos preconceituosos e discriminatórios que ocorrem desde a infância, e são expressados por diversos indivíduos em diferentes posições hierárquicas, como os pais, os professores, os colegas e chefes na relação com as mulheres. Tem-se, como exemplo, quando as meninas na escola são desencorajadas a estudar e a adquirir resultados positivos nos estudos de matemática (Brown & Stone, 2016).

Um aspecto marcante da atualidade é que as manifestações do sexismo hostil vêm sendo repreendidas e menos aceitas socialmente, mediante leis e normas que proíbem expressões abertas de preconceito. Logo, o sexismo benévolo torna-se o mais atuante na contemporaneidade, pois é a forma mais sutil e implícita de expressão do preconceito (Becker & Sibley, 2016). Reforçando esta característica está o fato do sexismo benevolente não ser facilmente reconhecido e identificável pelas próprias mulheres que sofrem com ele em seu cotidiano, devido a aparente afeição e cavalheirismo que transmite em um primeiro momento (Lemus, Navarro, Velásquez, Ryan, & Megias, 2014), o que é um aspecto relevante e preocupante. Portanto, é possível compreender que o sexismo implícito pode sofrer menos repreensões sociais do que o hostil, o que contribui em sua maior prevalência e aceitação.

O sexismo benevolente e o hostil se relacionam e podem atuar conjuntamente ou separadamente, mas coexistem nos atos dos indivíduos sexistas, reforçando-se mutuamente (Glick & Fiske, 2011). Sendo assim, o sexismo ambivalente utiliza-se do poder estrutural e do controle sobre os aspectos econômico, legal e político para dominar e controlar a vida da mulher em várias instâncias (Becker & Sibley, 2016).

O sexismo ambivalente também impossibilita o fortalecimento e a resistência do grupo subordinado, ou seja, o das mulheres, pois justifica o poder empregado nas relações intergrupais. Ele é considerado um dos antecedentes de maior importância para a ocorrência

de violências e discriminações contra a mulher, perpetuando as desigualdades de gênero das sociedades patriarcais e o próprio sistema patriarcal e machista, e se configura como um fenômeno mundial (Amodio, 2014; Becker & Sibley, 2016; Filho et al., 2011; Lemus et al., 2014).

A presente pesquisa adotará prevalentemente o termo “sexo”, em detrimento de “gênero”, devido a feminilidade e masculinidade fundamentarem-se na aceitação consciente do sexo biológico, determinando posteriormente a distinção entre os gêneros. O gênero é uma construção social de poder, que provoca e mantém relações assimétricas entre as pessoas de sexos opostos. Deste modo, compreende-se que, a depender do sexo biológico do indivíduo, socialmente é esperado que ele se encaixe em determinadas características físicas, comportamentais e papéis sexuais específicos (Formiga, Golveia, & Santos, 2002).

Desde a infância, a criança consegue identificar e distinguir os atributos, comportamentos e atitudes que são associadas a cada sexo biológico. Essas associações levam à construção de um esquema conceitual cognitivo, que participa do processamento da informação e influencia em como a pessoa avalia cognitivamente os outros (Formiga et al., 2002).

Deste modo, podemos perceber que a cultura patriarcal e machista participa da formação dos esquemas mentais, que posteriormente, irão contribuir para a manutenção desta mesma cultura e da construção das categorias sociais, que delimitam quem a mulher e o homem devem ser. Esta formação discriminatória dos papéis sexuais ainda prevalece e é imposta aos indivíduos na sociedade atual, impactando na constituição do Sexismo Ambivalente (Formiga et al., 2002).

1.3 Sexismo ambivalente e violência contra a mulher

A violência sexual é definida pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública como todo e qualquer ato sexual, ou tentativa de ocorrência deste, sem o consentimento da vítima. A violência sexual pode ser praticada por meio de ameaça, força física, manipulação, chantagem e suborno (Bueno et al., 2019), e contribui para que os privilégios políticos e a soberania sexual e política dos homens se mantenham (Freedman, 2013).

O estupro, um dos tipos de violência sexual, é conceituado pelo Código Penal Brasileiro como o ato de “Art. 213 Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso” (Bueno et al., 2019; Decreto Lei Nº 12.015/2009, 2009; Lima et al., 2019).

A violência sexual contra a mulher também é uma questão social, de segurança pública, justiça social e saúde pública, fazendo-se necessário o cuidado fornecido por políticas públicas para contê-la, já que ocasiona diversas consequências negativas às vítimas (Barbosa et al., 2010; Brasil, 2015; Freitas & Farinelli, 2016; Netto et al., 2014; Souza et al., 2013).

Estudo desenvolvido por Netto e colaboradores (2014) aponta que as principais consequências negativas da violência sexual à vida da mulher impactam nas esferas pessoal, familiar e social, como a diminuição da qualidade de vida, da autoestima, da autonomia, e sentimentos de desestruturação a nível pessoal e social. Além disso, gera estados adoecedores a nível de saúde mental, como traumas psíquicos, síndrome do pânico, sentimentos de aniquilação, impotência, incapacidade, desânimo, inutilidade, tristeza, insegurança, estresse e ódio, comprometendo também a constituição de relações sociais, pessoais e profissionais pois gera solidão (Netto et al., 2014).

Além de consequências como os estados adoecedores mencionados anteriormente, a violência sexual gera no imaginário social a culpabilização e responsabilização da vítima pela

violência sofrida. Diante disso, há mais um agravamento que é o silenciamento das vítimas, em uma tentativa de lidar com o medo de receber represálias e humilhação, e para lidar com sentimentos de culpa e vergonha pelo ocorrido. Deste modo, além de consequências psíquicas da violência sofrida, o despreparo da rede de apoio (familiares e profissionais dos sistemas de saúde e justiça) para cuidar das vítimas torna-se também uma consequência negativa da violência sexual (Barbosa et al., 2010; Ipas Brasil, 2005; Souza et al., 2013). Este contexto evidencia a importância em construir pesquisas com este tema para a sociedade atual.

A violência sexual é delimitada como um tipo de violência de gênero. Logo, está associada às relações de poder do homem sobre a mulher, a qual foi colocada socialmente em um papel social de subordinação ao longo da história. As questões, conflitos e desigualdades de gênero estão intrinsecamente relacionadas à violência sexual contra a mulher (Cisne, 2015; Freitas & Farinelli, 2016; Ipas Brasil, 2005; Netto et al., 2014; Souza et al., 2013).

Complementando este pensamento, sabe-se que as diversas formas de violência contra a mulher, como a violência sexual, são consideradas formas de violação à dignidade e aos direitos humanos das mulheres, visto que a sociedade atual é detentora de relações de opressão em diversas instâncias, inclusive quanto ao sexo e ao gênero dos indivíduos. As mulheres vítimas têm feridos os seus direitos à vida, à integridade física e à saúde biopsíquica (Cisne, 2015; Freitas & Farinelli, 2016; Guimarães & Pedroza, 2015; Netto et al., 2014).

Com o reconhecimento de que a violência sexual contra a mulher é uma violação dos direitos humanos, é possível reconhecer que a violência é um problema de saúde pública, social e multidimensional, sendo contextualizada histórica, política e culturalmente e não restrita apenas aos envolvidos na esfera privada. Esse reconhecimento denuncia as relações de poder e desigualdade entre os gêneros feminino e masculino (Cisne, 2015; Freitas & Farinelli, 2016; Guimarães & Pedroza, 2015; Netto et al., 2014).

É neste sentido que a relação entre sexismo ambivalente e violência sexual contra a mulher se estrutura. Pesquisas encontraram relação entre alto sexismo hostil em homens e maior aceitação do mito do estupro feminino e da culpabilização da vítima (Davies, Gilston, & Rogers, 2012; Koepke et al., 2014). Alto sexismo benevolente nas mulheres foi relacionado à maior aceitação da violência sexual perpetrada pelo parceiro (Durán, Moya, & Megías, 2014) e menor reconhecimento do estupro sofrido (LeMaire, Oswald, & Russell, 2016). Segundo Glick e Fiske (1996), o sexismo ambivalente também é associado e ajuda a entender a violência contra a mulher e a violência sexual. Deste modo, a violência sexual contra a mulher é uma consequência direta do sexismo, tanto cometido pelo parceiro íntimo quanto por homens desconhecidos (Becker & Sibley, 2016).

1.4 Compreendendo a Empatia

Se as relações de poder e dominação, associadas ao sexismo, são importantes na justificção e manutenção do preconceito de gênero e na violência contra as mulheres, é plausível supor que relações de gênero pautadas em emoções positivas, em especial o sentimento de empatia, desempenharia um papel essencial na promoção de relações mais harmoniosas e igualitárias entre homens e mulheres.

As emoções e estados afetivos desempenham uma função essencial na subjetividade e na vida humana. Além de ajudar na identificação de situações de perigo, na comunicação de estados internos e impactos de eventos nos outros, também orientam as ações e comportamentos direcionados aos outros, cumprindo três funções principais: motivacional (avivar determinadas condutas), adaptativas (preparar o organismo para a ação) e social (comunicação dos estados internas) (Gondim, 2015; Guedes & Gondim, 2020).

A empatia, enquanto estado afetivo ou sentimento, vem sendo conceituada ao longo da história de diversas formas (Batson, 2009; Eisenberg, Eggum, & Di Giunta, 2010; Telle & Pfister, 2015). Dentre elas, como a crença de conhecer o estado interno do outro, adotar sua postura, imaginar como o alvo necessitado se sente e sentir exatamente a mesma emoção ou sentimento do outro (Batson, 2009).

Na perspectiva de Davis (1980,1983) a Empatia é reconhecida como constituída por dois aspectos: um aspecto cognitivo e um aspecto emocional. Davis (1983) afirma que ao longo do século 20, inúmeros estudos focavam separadamente nas dimensões afetiva e cognitiva da empatia, porém a partir de meados da década de 1970, os estudos buscavam integrar estas duas dimensões na tentativa de melhorar e ampliar a definição deste construto.

Assim, a empatia seria definida como um construto multidimensional, uma reação frente às experiências observadas no outro, constituída por dois componentes: o afetivo e o cognitivo, que se desenvolvem com o passar do tempo (Davis, 1980,1983). O aspecto cognitivo da empatia refere-se ao intelectual, à capacidade de compreender conscientemente a perspectiva, pensamentos e emoções do outro, enquanto o aspecto emocional indica uma reação visceral e sensório-motora do estado emocional do outro. Desta maneira, a empatia é definida como a capacidade de compartilhamento e compreensão dos estados internos, emoções e sensações dos outros indivíduos (Davis, 1983; Decety & Yoder, 2015; Hatfield, Rapson, & Le, 2009; Lamm & Silani, 2014; Moreira, DeSouza, & Guerra, 2018; Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga, & Menezes, 2011; Zaki & Ochsner, 2016).

Todavia, a maioria dos autores ainda enfoca o aspecto emocional da empatia, definindo-a como uma resposta emocional direcionada ao outro, idêntica ou semelhante ao estado emocional deste outro e decorrente da compreensão de seu estado emocional. Esta resposta pode ou não corresponder a sentir exatamente o que o outro sente, mas sempre direciona sentimentos ao outro (Batson, 2009, 2011; Batson et al., 2015; Eisenberg et al.,

2010; Hoffman, 2008; Telle & Pfister, 2015). Neste contexto, essa é a conceituação de empatia acolhida no presente trabalho.

A empatia sentida é congruente ao bem-estar percebido na pessoa observada, seja um bem-estar positivo ou negativo. Deste modo, a emoção sentida pelo indivíduo empático pode ou não ser necessariamente idêntica ao da pessoa necessitada, mas com a mesma valência, por exemplo, sentir tristeza por alguém que sente medo em determinada situação e sentir alegria por alguém com boa sorte. Percebe-se que a empatia pode ser positiva ou negativa e é decorrente da percepção das emoções do outro, ou seja, da observação do indivíduo o qual a empatia é direcionada (Batson, 2009, 2011; Batson et al., 2015; Eisenberg et al., 2010; Hoffman, 2008; Telle & Pfister, 2015). A empatia também abrange sentimentos de compaixão, ternura, simpatia, tristeza, perturbação, angústia, piedade e aflição (Batson, 2011; Batson et al., 2015).

Apesar da empatia ser derivada de emoções positivas ou negativas, muitos estudos são voltados ao sofrimento empático, que é quando a empatia é direcionada às pessoas em sofrimento, como as que vivenciam situações de pobreza, dor e perigos (Batson, 2009, 2011; Batson et al., 2015; Eisenberg et al., 2010; Hoffman, 2008). Quando a resposta empática é direcionada a um indivíduo percebido como necessitado, é possível que seja produzida uma motivação altruísta (Batson, 2009, 2011; Batson et al., 2015; Eisenberg et al., 2010).

Destarte, a empatia é compreendida como sendo metacognitiva. Por conseguinte, para ocorrer a empatia, é necessário que o indivíduo empático conscientize-se de que seu estado emocional é compartilhado, ou seja, de que a fonte original de sua resposta emocional é o outro, pois a emoção é do outro, apesar de ser compartilhada (Eisenberg et al., 2010; Hoffman, 2008; Lamm & Silani, 2014; Sampaio et al., 2011). Além disso, é possível que o estado emocional compartilhado de outra pessoa seja percebido diretamente, inferido ou imaginado pelo observador (Lamm & Silani, 2014).

Um aspecto interessante e consistente encontrado nos estudos sobre o sentimento de empatia é o efeito do gênero na experiência da empatia, no qual as mulheres apresentam maior empatia do que os homens em geral (Davis, 1980; Ferrão, Gonçalves, Parreira, & Giger, 2013; Garaigordobil, 2014; Osman, 2011; Sakallı-Uğurlu, Yalçın, & Glick, 2007; Sampaio et al., 2011).

1.5 Componentes da Empatia

A empatia é composta por três componentes: o aspecto emocional; o aspecto cognitivo e o motivacional. O aspecto emocional, correspondente ao contágio emocional, é um compartilhamento afetivo do estado emocional do outro no qual o observador sente o mesmo que o alvo observado; o aspecto cognitivo é a tomada de perspectiva do outro, de maneira consciente e reflexiva, promovendo o entendimento do que o outro sente e pensa (Decety & Yoder, 2015; Lamm & Silani, 2014; Moreira et al., 2018; Sampaio et al., 2011; Zaki & Ochsner, 2016); e o aspecto motivacional que ativa condutas proativas de cuidar do bem-estar do outro, designada como preocupação empática (Batson, 2009; Decety & Yoder, 2015; Lamm & Silani, 2014; Moreira et al., 2018; Sampaio et al., 2011; Zaki & Ochsner, 2016). Portanto, a empatia é composta por habilidades socioemocionais (Moreira et al., 2018).

Apesar de alguns estudiosos afirmarem que o contágio emocional, por si só, não é suficiente para o desenvolvimento da empatia (Eisenberg et al., 2010; Hoffman, 2008; Lamm & Silani, 2014), já que expressões faciais, por exemplo, podem não refletir como a pessoa observada se sente (Hoffman, 2008), ele é reconhecido como fundamental para a ocorrência da empatia (Decety & Yoder, 2015; Lamm & Silani, 2014; Moreira et al., 2018; Sampaio et al., 2011; Zaki & Ochsner, 2016), assim como para o comportamento pró-social (Lamm & Silani, 2014).

O contágio emocional permite, portanto, que o indivíduo sinta as emoções da pessoa observada, a qual a empatia é dirigida (Hatfield, Carpenter & Rapson, 2014; Hatfield et al., 2009; Lamm & Silani, 2014). O contágio emocional é uma capacidade primitiva do ser humano. É sutil, veloz e automática, e beneficia as relações sociais por meio do compartilhamento dos estados emocionais. É uma tendência inata em imitar as expressões de outras pessoas (sejam faciais, vocais, posturais ou de movimentos corporais), sincronizando-as com as expressões do observador e promovendo o compartilhamento dos estados emocionais entre elas (Hatfield et al., 2014; Hatfield et al., 2009).

O contágio emocional ocorre em três etapas: a imitação, o feedback e a captura das emoções do outro (Hatfield et al., 2014; Hatfield et al., 2009). O mimetismo das expressões emocionais é automático e pré-verbal, caracterizado como resposta involuntária à emoção percebida no outro (Hatfield et al., 2014; Hatfield et al., 2009; Hoffman, 2008). É uma etapa essencial para a ocorrência da empatia. O mimetismo é derivado da observação das expressões e movimentos faciais, corporais, vocais, posturais durante as interações sociais. É possível imitar as expressões faciais de felicidade, tristeza, irritação, surpresa, medo e desgosto, e vários outros estados emocionais. O mimetismo vocal corresponde ao ritmo e tempo da fala do outro (interlocutor), enquanto o mimetismo postural corresponde à sincronização das posições e movimentos corporais das pessoas ao redor. Todo este processo não ocorre de maneira consciente ou racional, pois até mesmo a tentativa consciente em espelhar os atos dos outros pode parecer inverossímil. Por isso, o contágio emocional é uma tendência natural do ser humano (Hatfield et al., 2014; Hatfield et al., 2009).

Com a observação das expressões do outro e a conseqüente imitação corporal postural, facial e vocal, o indivíduo tende a sentir as emoções específicas as quais correspondem aos movimentos adotados. Por exemplo: imitar a expressão de medo produz uma maior tendência em sentir medo. Este processo chama-se feedback, e corresponde à atividade dos neurônios-

espelho (Hatfield et al., 2014; Hatfield et al., 2009; Hoffman, 2008), sendo uma tendência em moldar a experiência emocional do observador por meio do mimetismo e da sincronização das expressões emocionais entre os indivíduos (Hatfield et al., 2014). Após a imitação e feedback, se concretiza o contágio emocional, que é a captura, de fato, do estado emocional no outro, sendo possível que o indivíduo sinta o que o outro sente (Hatfield et al., 2014; Hatfield et al., 2009).

Todavia, ainda não se tem conhecimento sobre porque algumas pessoas são mais vulneráveis ao contágio emocional do que outras; se é possível aprender conscientemente a realizar este processo; se traria, de fato, benefícios; além de ser possível resistir ao contágio emocional (Hatfield et al., 2009).

Lamm e Silani (2014) complementam afirmando que após o compartilhamento do estado emocional pelo contágio, quando o indivíduo se conscientiza de que produziu uma resposta emocional semelhante ao do outro e que este (o observado) é a fonte original da emoção imitada, a resposta emocional iniciada parcialmente se transforma em uma resposta emocional empática e completa.

O segundo componente da empatia é a capacidade de *tomada de perspectiva*, delimitada como sendo a adoção da perspectiva do outro, quando o indivíduo empático imagina-se em seu lugar. Neste sentido, a empatia facilita e protege as relações sociais, pois promove a participação e o engajamento nos comportamentos e reações alheias (Davis, 1983; Hoffman, 2008).

Desde a década de 1950, sabe-se da existência de três tipos de tomada de perspectiva. A primeira é a auto-focada, correspondente a quando o indivíduo imagina que está sendo afetado pelos mesmos estímulos que afetam a pessoa necessitada e observada. Esta experiência pode ser intensificada caso sejam associados eventos semelhantes que ocorreram em seu próprio passado (Hoffman, 2008). O segundo tipo é a perspectiva focada no outro, que

corresponde à atender aos sentimentos e comportamentos da pessoa que sofre, enquanto o terceiro tipo, a que enfoca o eu e o outro, consiste em processos paralelos que ocorrem simultaneamente, no qual o indivíduo assume a perspectiva do outro mas ainda mantém sua perspectiva pessoal. Os três tipos são passíveis de serem desenvolvidos ao longo do tempo e ocorrem a partir do controle voluntário e consciente (Hoffman, 2008).

O terceiro componente da empatia é a *preocupação empática*. Esta pode promover a motivação pró-social, que é uma tendência em ajudar os alvos necessitados (Decety & Yoder, 2015; Lamm & Silani, 2014; Zaki & Ochsner, 2016).

A empatia enquanto uma resposta emocional ao sofrimento do outro, também denominada como preocupação empática, produz motivação altruísta. Importante compreender que, apesar da empatia ser um conceito amplo e derivada de emoções positivas ou negativas, apenas a empatia sentida por uma pessoa percebida como necessitada pode produzir motivação altruísta (Batson, 2011; Batson et al., 2015).

O altruísmo é definido como uma motivação em aumentar o bem-estar de uma pessoa necessitada, promovendo a valorização desse bem-estar. As dimensões do bem-estar correspondem à aumentar o prazer físico, a satisfação, a segurança e o afeto positivo do outro, diminuindo sua dor física, perigo, doenças, ansiedade, estresse e afetos negativos (Batson, 2011; Batson et al., 2015).

A capacidade de valorização do bem-estar do outro começa a se desenvolver entre um e três anos de idade. A avaliação do bem-estar do outro, avaliação denominada intrínseca ou terminal, evoca a preocupação empática. Esta avaliação compreende valorizar o outro intrinsecamente, de uma maneira que o indivíduo empático incorpore o bem-estar do outro em sua estrutura de valores pessoais, assumindo uma perspectiva orientada para o outro e se colocando em seu lugar. Deste modo, o indivíduo passa a ter sentimentos de compaixão e simpatia, ou até mesmo tristeza e ansiedade, direcionados ao outro. Percebe-se que a ameaça

ao bem-estar do outro promove a evocação da resposta empática (Batson, 2011; Batson et al., 2015).

Sabe-se que altos níveis de empatia promovem respostas altruístas (Paciello, Fida, Cerniglia, Tramontano, & Cole, 2013), e que a motivação altruísta promove comportamentos pró-sociais, designados como voluntários e que beneficiam o outro, denominados comportamentos altruístas que incluem ajudar e confortar o outro (Eisenberg et al., 2010). Além disso, o comportamento pró-social é decorrente, neste processo, tanto do contágio emocional e da resposta emocional empática, quanto da capacidade de regulação emocional (Lamm & Silani, 2014), pois a resposta emocional empática pode ser aumentada ou diminuída de acordo com os mecanismos de regulação desta emoção (Telle & Pfister, 2015).

Diante do que foi explanado, é possível compreender que a capacidade da empatia em responder com compaixão às emoções dos outros é uma habilidade socialmente benéfica (Hatfield et al., 2009), e que a capacidade em compartilhar o estado emocional dos indivíduos, função primordial da empatia, é de suma importância para a sobrevivência humana e as interações sociais (Moreira et al., 2018).

1.6 Relação entre Empatia e Sexismo Ambivalente: mas afinal, existe associação entre empatia e sexismo?

Estudos realizados por Ferguson e Ireland (2012), com estudantes universitários(as) do Reino Unido encontraram associação entre o sexismo ambivalente e a empatia, de forma que os participantes mais empáticos com mulheres vítimas de estupro fictício eram também os menos sexistas, e os menos empáticos os mais sexistas.

Em estudo realizado na Universidade de Uppsala (Suécia), com estudantes da graduação de psicologia, em sua maioria composta por mulheres, foi encontrada uma

correlação positiva entre baixa preocupação empática e alto sexismo hostil. Os autores afirmam que a preocupação empática corresponde à capacidade de adotar a perspectiva psicológica do outro, e sugerem que os atos sexistas, portanto, correspondem, ao menos em parte, à indiferença em relação aos outros (Hellmer et al., 2018).

Estudo realizado com adolescentes espanhóis de ambos os sexos, sobre a violência de gênero (Ruiz et al., 2010), encontrou que os meninos culpabilizaram mais a mulher vítima de agressão sexual em situações em que ela possuía uma relação anterior com o agressor (em contraponto a se o agressor fosse uma pessoa desconhecida), bem como menor empatia foi relacionada positivamente à crenças sexistas. Estudo que revela a importância do sentimento de empatia na culpabilização da vítima e nas crenças sexistas. Resultados similares foram encontrados em uma revisão de literatura dos últimos 15 anos, onde o alto escore de empatia em situação de estupro foi preditor de menor culpabilização da vítima (Ferrão & Gonçalves, 2015). Deste modo, é possível compreender o panorama geral das pesquisas com este tema na atualidade, com destaque para a questão da violência sexual contra as mulheres.

Outro estudo realizado mediante programas de intervenção psicossocial com o objetivo de prevenir a agressão sexual (Stewart, 2014) também encontrou associações entre empatia e sexismo. O programa, denominado Projeto dos Homens, ocorreu com estudantes universitários do sexo masculino em Connecticut (Estados Unidos da América). Este programa envolve educação sobre questões de gênero, sexualidade e violências sexuais, além de intervenções baseadas na empatia. Os resultados mostraram redução nos indicadores de sexismo ambivalente dos participantes, além de menor aceitação do mito do estupro e maior eficácia em confrontar os atos sexistas e agressões sexuais. As intervenções baseadas em empatia aprofundaram a conexão dos homens com a problemática da agressão sexual, os aproximando do impacto desta violência na experiência emocional das mulheres. Esta

conexão possibilita um maior engajamento de homens em ações coletivas no enfrentamento à violência sexual contra a mulher.

Como já explanado, a violência sexual contra a mulher é uma consequência direta do sexismo ambivalente. Nesta perspectiva, há pesquisas que relacionam a empatia à violência sexual. A empatia foi associada à maior capacidade de compreensão da perspectiva, emoções e reações de vítimas de estupro, sendo denominada como empatia à vítima de estupro. A empatia influencia as percepções sobre a vítima de violência sexual, e funciona como um preditor das atitudes das pessoas frente a casos de estupro. Ela também está correlacionada com a diminuição da culpabilização da vítima, maior responsabilização de quem cometeu o estupro e maior tomada de perspectiva da vítima (Deitz, Blackwell, Daley, & Bentley, 1982; Ferrão et al., 2013; Osman, 2011, 2016; Smith & Frieze, 2003), sendo também importante na redução do sexismo ambivalente (Ferguson & Ireland, 2012; Garaigordobil, 2014; Hellmer et al., 2018; Lila et al., 2010; Ruiz et al., 2010), apesar deste fenômeno ainda ter sido pouco estudado.

2 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

2.1 Delimitação do problema de pesquisa

Como podemos perceber até o momento, o sexismo e a empatia são duas variáveis que se influenciam mutuamente, além de impactarem a percepção de situações de violência sexual contra a mulher, participando da atribuição de maior ou menor culpabilização da vítima (Ferguson e Ireland, 2012; Ferrão & Gonçalves, 2015; Ruiz et al., 2010).

Estudos apontam também que a depender do comportamento da mulher e conseqüentemente do local em que ela está, o assédio sexual sofrido por ela é percebido com níveis diferentes de naturalização e justificação da violência sofrida (Bieneck & Krahe, 2011; Donde, 2015; Glick, Diebold, Bailey-Werner, & Zhu, 1997; Glick & Fiske, 1996; Persson, Dhingra, & Grogan, 2018).

Congruente a esta perspectiva, delimita-se como problema de pesquisa: de que maneira a percepção do assédio sexual contra a mulher em diferentes contextos é influenciada pelo Sexismo Ambivalente, Empatia, Emoções ativadas, Culpabilização da vítima e do agressor, e sexo dos participantes?

2.2 Objetivo Geral

Delimita-se como objetivo para este estudo analisar a relação entre o preconceito de gênero (sexismo ambivalente), a empatia, as emoções e a culpabilização (da vítima e do agressor) pelo assédio sexual, considerando o sexo dos participantes e o contexto em que ocorre o assédio sexual (carnaval, trabalho, neutro).

2.3 Hipóteses

De acordo com a discussão apresentada anteriormente, são formuladas as seguintes hipóteses de pesquisa, a serem testadas. As hipóteses foram divididas em dois eixos, de acordo as relações dos conceitos teóricos utilizados.

O primeiro eixo corresponde às hipóteses referentes ao sexismo ambivalente e à culpabilização da vítima de assédio sexual em diferentes contextos sociais (ambiente de trabalho, ambiente de comemoração e festa, e um contexto genérico ou neutro).

H1: Espera-se que na condição Carnaval os participantes apresentem médias mais altas de Sexismo Hostil (SH) em comparação à condição Trabalho, e ainda menos na condição Controle.

H1.a): Na condição Carnaval, espera-se que os homens apresentem médias mais altas em SH em comparação às mulheres.

H1.b): Na condição do Trabalho, espera-se que homens e mulheres não apresentem diferenças significativas no Sexismo Benévolo (SB).

H2: Na condição Trabalho haverá maior culpabilização da vítima em comparação à condição Carnaval, e ainda menos na condição Controle.

H2.a): Espera-se que os homens, em comparação às mulheres, culpabilizem mais a vítima em todas as condições experimentais, em especial na condição do Trabalho.

H2.b): Espera-se que as mulheres, em comparação aos homens, responsabilizem mais o agressor em todas as condições experimentais, mas na condição Carnaval as médias serão mais altas.

O segundo eixo de hipóteses corresponde à empatia direcionada à mulher vítima de agressão sexual e às emoções negativas e positivas.

H3: Na condição Carnaval haverá maior Empatia em comparação à condição

Trabalho, e ainda menos na condição Controle.

H3.a): Espera-se que as mulheres, em comparação aos homens, apresentem médias mais altas de Empatia em todas as condições experimentais, menos na condição Controle.

H4: Espera-se obter médias mais altas de emoções negativas em todas as condições experimentais, sendo mais alta na condição Carnaval, seguida da condição Trabalho, e ainda menos na condição Controle.

H4.a): Espera-se que as mulheres, em comparação aos homens, apresentem médias mais altas em emoções negativas em todas as condições experimentais, menos na condição Controle.

3 MÉTODO

Trata-se de um estudo experimental com grupos independentes (entre-grupos), envolvendo dois e três níveis das variáveis independentes, sexo (homem e mulher) e condição experimental (vinhetas do contexto de carnaval, de trabalho e grupo controle). Ou seja, desenho fatorial 3X2. Cada grupo corresponde a um cenário experimental diferente, sendo realizada uma randomização na plataforma Unipark para promover a aleatoriedade da distribuição dos participantes.

O delineamento de pesquisa com grupos independentes é muito utilizado em Psicologia, e com ele é possível promover a comparação dos resultados dos grupos (MacQueen & Knussen, 2013; Shaughnessy, Zechmeister, & Zechmeister, 2012).

3.1 Participantes

Cálculo amostral

Foi realizado o cálculo do poder estatístico do tamanho da amostra no programa estatístico Gpower (Faul, Erdfelder, Lang, & Buchner, 2007; Mayr, Erdfelder, Buchner, & Faul, 2007), utilizando o teste de Anova *one-way post hoc*, com grupos independentes. Foi considerada a amostra total (358 participantes), assim como os três grupos experimentais: participantes das condições experimentais Carnaval (130 indivíduos), Trabalho (151 indivíduos) e Controle (77 indivíduos). O resultado obtido demonstrou um grau de liberdade 2, e poder estatístico alto de 0,99, considerando um tamanho do efeito F alto (0,40) e probabilidade do Erro Alfa de 0,05. Deste modo, o tamanho da amostra da pesquisa é aceitável.

Perfil dos participantes

Fizeram parte da pesquisa indivíduos brasileiros de ambos os sexos, feminino e masculino, com idade a partir de 18 anos. A amostra foi de conveniência (Shaughnessy et al., 2012), pois foi composta por pessoas de todo o Brasil que concordaram em participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Houve um total de 365 participantes, sendo um excluído por não responder a maioria das perguntas e seis eliminados das análises por não serem do sexo feminino ou masculino, resultando em 358 participantes. Os critérios de inclusão foram ter 18 anos ou mais, e ser de nacionalidade brasileira.

A tabela 1 mostra os dados sociodemográficos dos participantes, que se caracterizam, em sua maioria, por mulheres (58,24%) em comparação aos homens (40,11%) e pessoas não binárias (1,09%). Levando em consideração o objetivo desta pesquisa e a literatura que tem considerado os participantes homens e mulheres de acordo com seu sexo biológico em estudos sobre violência sexual contra a mulher e sobre o sexismo ambivalente, nesta pesquisa foram incluídos apenas os participantes que se autodeclararam homens e mulheres. Por esta razão os participantes nas categorias Outros e Não binários foram desconsiderados nas análises.

Sendo assim, as participantes mulheres possuem média de idade de 31 anos (DP = 11,26), enquanto os homens possuem uma idade média de 32 anos (DP = 11,20). Grande parte dos participantes se autodeclarou como sendo pardos (43,13%), seguida de brancos (32,14%) e pretos (22,25%); heterossexuais (79,67%), solteiros (36,81%), que trabalham (58,8%), com ensino superior incompleto (36,6%), provenientes do nordeste do país (82,41%), renda média entre 1 e 3 mil reais (31,31%), não possuem religião (36,53%), e dos

que possuem religião 23,07% se autodeclararam católicos, e 21,97% da amostra se autodeclarou ser de esquerda.

Tabela 1.

Dados sociodemográficos dos participantes (n=364)

Sexo	
Mulher	212 (58,24%)
Homem	146 (40,11%)
Não binário	4 (1,09%)
Outro	2 (0,54%)
Idade	
Mulher	M = 31,90 (DP = 11,26)
Homem	M = 32,03 (DP = 11,20)
Raça/etnia	
Parda	157 (43,13%)
Branca	117 (32,14%)
Preta	81 (22,25%)
Indígena	2 (0,54%)
Amarela	6 (1,64%)
Orientação sexual	
Bissexual	42 (11,53%)
Homossexual	23 (6,31%)
Heterossexual	290 (79,67%)
Outro	7 (1,92%)
Estado civil	
Casado/União estável	110 (30,22%)
Em um relacionamento sério	102 (28,02%)
Solteiro	134 (36,81%)
Viúvo	3 (0,82%)
Separado/Divorciado	13 (3,57%)
Outro	2 (0,54%)
Estuda ou trabalha	
Estuda	150 (41,20%)
Trabalha	214 (58,79%)
Escolaridade	
Ensino fundamental incompleto	2 (0,54%)
Ensino fundamental completo	1 (0,27%)
Ensino médio incompleto	1 (0,27%)
Ensino médio completo	35 (9,61%)
Ensino superior incompleto	132 (36,26%)
Ensino superior completo	65 (17,85%)
Pós-graduação incompleto	33 (9,06%)
Pós-graduação completo	95 (26,09%)
Região do país	
Nordeste	300 (82,41%)
Norte	5 (1,37%)

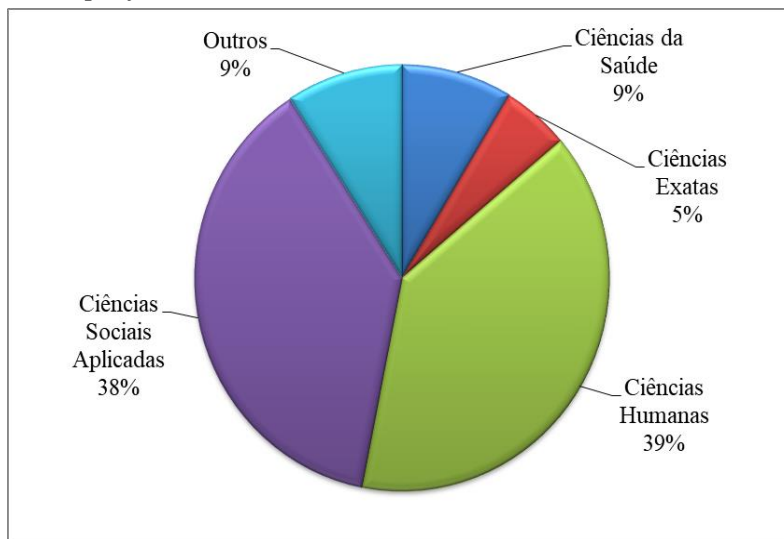
Sul	7 (1,92%)
Sudeste	44 (12,08%)
Centro-oeste	8 (2,19%)
Renda familiar	
Até 1.000 reais	39 (10,71%)
De 1.000 à 3.000 reais	114 (31,31%)
De 3.000 à 5.000 reais	69 (18,95%)
De 5.000 à 10.000 reais	80 (21,97%)
Mais de 10.000 reais	62 (17,03%)
Religião	
Protestante/Evangélica	46 (12,63%)
Espírita	28 (7,69%)
Religiões de matriz africana	16 (4,39%)
Católica	84 (23,07%)
Ateu	25 (6,86%)
Não possui	133 (36,53%)
Outro	32 (8,76%)
Posição política	
Esquerda	80 (21,97%)
Centro	67 (18,40%)
Direita	10 (2,74%)

Quanto às profissões (gráfico 1), do total de 209 participantes que informaram, houve um predomínio das áreas de Ciências Humanas (82 participantes) e Ciências Sociais Aplicadas (79 participantes). Das Ciências Humanas, houve um predomínio de psicólogos e professores, enquanto das Ciências Sociais Aplicadas houve um predomínio de advogados, trabalhadores do setor comercial e da administração pública (servidores públicos). Na categoria Outros, foram incluídas profissões como: motorista, dona de casa, aposentado, desempregado, trabalhador autônomo, doméstica e serviços gerais. A categorização das profissões foi realizada com base na classificação de áreas do conhecimento, do CNPQ (CNPq, 2020; Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil Lattes, 2020).

Para uma melhor organização, algumas áreas foram unidas: Ciências Biológicas foi incluída na categoria Ciências da Saúde, Engenharia foi incluída em Ciências Exatas, enquanto Artes e Ciências Agrárias foram incluídas na categoria Outros. Neste último, havia apenas uma pessoa em cada categoria.

Gráfico 1.

Análise descritiva das profissões:



3.2 Instrumentos

Vinhetas experimentais (anexo 2). Inicialmente, a autora da pesquisa construiu três condições experimentais (Shaughnessy et al., 2012), divididas em três vinhetas, sendo elas: Carnaval, Trabalho e Controle (anexo 2). No cenário do carnaval havia a história sobre uma personagem, Letícia, uma jovem mulher que foi assediada sexualmente de maneira explícita no carnaval. Já o segundo cenário exibia a história da mesma personagem, porém sendo assediada sexualmente no contexto do trabalho, e o terceiro cenário mostrava uma situação neutra onde a personagem não sofria assédio algum. As vinhetas contam uma história fictícia semelhante, variando apenas no contexto em que acontecem. As três condições foram rotacionadas de maneira com que os participantes recebessem as histórias aleatoriamente.

Após a leitura dessas vinhetas, os participantes recebiam os mesmos questionários.

Emoções, elaborado pela autora da pesquisa. Esta medida é composta por 9 itens, sendo cinco emoções negativas (tristeza, medo, raiva, vergonha e impotência) e quatro

emoções positivas (satisfação, alegria, bem-estar e admiração), selecionadas da literatura especializada. A escala de resposta variava de 1 = Nada à 5 = Muito. Após a leitura das vinhetas, os participantes deveriam indicar a intensidade com que sentiram as emoções.

As emoções negativas foram selecionadas de estudos sobre assédio sexual contra a mulher, em sua maioria no ambiente de trabalho, mas também em outros contextos (Almeida, 2019; Andrade & Assis, 2018; Barbosa et al., 2010; Cabrera & Vianna, 2015; Cerqueira & Coelho, 2014; Ferreira, Macena, Mota, Neto, Silva, Vieira, Kendall, & Kerr, 2017; Fonseca, Portela, Freire, & Negreiros, 2018; Freitas & Farinelli, 2016; Hanson, Perrin, Moss, Laharnar, & Glass, 2015; Ipas Brasil, 2005; Lima & Sousa, 2015; Machado, Murofuse, & Martins, 2016; Murphy, Samples, Morales, & Shadbeh, 2014; Nunes & Tolfo, 2015; Souza et al., 2013; Stander & Thomsen, 2016; Zingales, 2013).

Já as emoções positivas foram selecionadas de estudos sobre o contexto de interações intergrupais (Gana & Jakubowska, 2014; Gilbert, 2015; Klimecki, 2015; Preckel, Kanske, & Singer, 2018; Onu, Kessler, & Smith, 2016; Watkins, Emmons, Greaves, & Bell, 2017; Weiss, Westerhof, & Bohlmeijer, 2016).

Após as análises fatoriais exploratórias apresentadas no capítulo 4, a medida ficou constituída por duas dimensões, sendo a dimensão Emoções Negativas (Fator 1) composta pelos itens 01, 02, 03, 04 e 05 e a dimensão Emoções Positivas (Fator 2) comporta pelos itens 08, 09, 10 e 11. O Alfa de Cronbach indicou alta consistência interna tanto na dimensão Emoções Negativas ($\alpha = 0,85$) quanto na dimensão Emoções Positivas ($\alpha = 0,93$).

Empatia em relação às mulheres vítimas de violência sexual, também construído pela autora, possui 08 itens com escala de resposta Likert de cinco pontos, que mensura desde 1 = Discordo totalmente à 5 = Concordo totalmente. Foi elaborado com base na literatura sobre a empatia (Batson, 2009, 2011; Batson et al., 2015; Davis, 1980, 1983; Decety &

Yoder, 2015; Hatfield et al., 2009; Lamm & Silani, 2014; Moreira et al., 2018; Sampaio et al., 2011; Zaki & Ochsner, 2016), trabalhos sobre a escala de Empatia à Vitima de Estupro (Ferrão et al., 2013; Smith & Frieze, 2003), e sobre a escala de empatia geral, denominada Interpersonal Reactivity Index (IRI) (Davis, 1980,1983; Moreira et al., 2018; Sampaio et al., 2011). Assim, foram construídas frases afirmativas com posicionamentos dos participantes, abrangendo a empatia por emoções negativas.

A medida de *Empatia em relação às mulheres vítimas de violência sexual* é unifatorial, abrangendo a Empatia Negativa em relação à personagem Letícia. É composta pelos itens 02, 05, 07, 08, 09, 16, 17 e 18. O Alfa de Cronbach foi alto ($\alpha = 0,91$), indicando alta consistência interna do instrumento. Os demais itens foram eliminados conforme pode ser observado no capítulo 4.

A empatia negativa é conceituada como a compreensão e o compartilhamento dos estados emocionais negativos dos outros, como angústia, sofrimento, dor ou tristeza. Assim, está relacionada a um estado de angústia pessoal frente ao contato com o sofrimento dos outros. A empatia negativa também está relacionada a comportamentos e motivações pró-sociais de ajuda, e promove a diminuição do sofrimento do outro, assim como a evitação de resultados negativos na vida dos outros (Andreychik & Lewis, 2017; Morelli, Lieberman, & Zaki, 2015).

As teorias sobre a empatia usualmente tratam este fenômeno como sendo unidimensional em relação à valência, sendo esta positiva ou negativa (Morelli et al., 2015; Morrison, Mateen, Brozovich, Zaki, Goldin, Heimberg, & Gross, 2016). Deste modo, o presente estudo buscou compreender mais sobre a empatia negativa.

Culpa e Responsabilidade no assédio sexual, elaborado pela autora da pesquisa. Medida composta por 9 itens que descrevem o comportamento do homem na situação de

assédio sexual contra a personagem Letícia. Aos participantes era solicitado que se posicionassem quanto a responsabilidade ou culpabilidade do assédio sexual sofrido por Letícia. Também foi utilizada uma escala de resposta Likert de cinco pontos (1 = Discordo totalmente à 5 = Concordo totalmente).

Nesta medida, constam frases com afirmações sexistas elaboradas com base nas leituras sobre sexismo (Amodio, 2014; Becker & Sibley, 2016; Brinkman et al., 2015; Fitz & Zucker, 2014; Filho et al., 2011; Glick & Fiske, 1996).

Após as análises fatoriais exploratórias apresentadas no capítulo 4, a medida ficou estruturada em duas dimensões: a dimensão Culpabilização da Vítima (Fator 1) composta pelos itens 01, 04, 07, 09 e 10, e a dimensão Culpabilização do Agressor (Fator 2) pelos itens 02, 05, 06 e 08. O Alfa de Cronbach foi alto em cada uma das dimensões, indicando que a medida possui consistência interna adequada em ambas as dimensões, tanto na Culpabilização da Vítima ($\alpha = 0,79$) quanto na Culpabilização do Agressor ($\alpha = 0,85$).

A culpabilização do agressor é conceituada no presente trabalho como a culpa atribuída socialmente ao homem perpetrador de violência sexual contra a mulher. Enquanto isso, a culpabilização da vítima é definida como a atribuição social de culpa direcionada à mulher, vítima de violência sexual perpetrada por um homem, decorrente da agressão sexual sofrida (Bieneck & Krahe, 2011; Donde, 2015; Persson et al., 2018).

Transferir a culpa do perpetrador para a vítima de violência sexual tem sido um fenômeno presente tanto em pesquisas de campo e laboratoriais, quanto em processos de julgamento de agressão sexual. Além disso, a atribuição de responsabilidade da vítima pela agressão sexual é associada à altas taxas de casos de violência sexual (Bieneck & Krahe, 2011; Ghavami & Peplau, 2012; Katz et al., 2017).

Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA), desenvolvido em língua inglesa por Glick e Fiske (1996), adaptado e validado para o Brasil por Formiga, Golveia e Santos em 2002 (Filho et al., 2011; Formiga, 2006; Formiga et al., 2002). Este instrumento possui 22 itens de afirmativas sexistas, dividido em duas dimensões do sexismo, o benévolo (11 itens, são eles: 01, 03, 06, 08, 09, 12, 13, 17, 19, 20 e 22) e o hostil (11 itens, são eles: 02, 04, 05, 07, 10, 11, 14, 15, 16, 18 e 21) (anexo 2). O participante pode atingir até 55 pontos em cada dimensão, e deve expressar seu grau de discordância ou concordância com as afirmações, por meio da escala Likert de cinco pontos (1 = Discordo totalmente até o 5 = Concordo totalmente).

Na validação brasileira, o instrumento apresentou um índice de consistência interna, Alpha de Cronbach, aceitável de 0,75 na dimensão do sexismo benevolente e no sexismo hostil de 0,81 (Formiga, 2006). Na presente pesquisa o Alfa de Cronbach foi de α : 0,90 na escala total do Sexismo Ambivalente, indicando alta consistência interna. O Alfa de Cronbach da dimensão do Sexismo Benevolente foi α : 0,84, e do Seximo Hostil foi α : 0,87.

Caracterização Sociodemográfica. Por último, foi aplicado um protocolo para Caracterização Sociodemográfica a fim de coletar os dados sociodemográficos dos participantes. Assim, foram solicitadas informações como sexo, idade, etnia/raça, orientação sexual, nível máximo de escolaridade e profissão.

Por se tratar de uma coleta online, mediante uma plataforma, foi possível ajustar os parâmetros para que não fossem obrigatórias para os participantes responderem todas as questões, sendo possível avançar no questionário mesmo deixando alguma pergunta sem resposta, com o objetivo de minimizar as desistências em fornecer as respostas. Em substituição a obrigatoriedade nas respostas, na plataforma Unipark UFS survey foi possível sinalizar aos participantes a importância em responder, porém sem obrigatoriedade para prosseguir em cada etapa da participação na pesquisa.

3.3 Procedimentos de coleta

A coleta de dados foi realizada de forma online, através na plataforma Unipark UFS survey, aonde foi possível construir e divulgar a pesquisa. O link da pesquisa com o questionário foi divulgado para contatos e em grupos de redes sociais (facebook, instagram, whatsapp) e envio de e-mails para os coordenadores tanto de cursos de graduação quanto de pós-graduação da área de Humanas, da Saúde, assim como de Exatas de várias universidades brasileiras. Também foi divulgado em contatos de amigos e familiares, assim como em grupos de redes sociais com temáticas cotidianas (como astrologia e relacionamentos amorosos e de amizade). A coleta ocorreu através do método Bola de Neve (Coleman, 1958; Goodman, 1961).

3.4 Questões éticas

Esta pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia (CEP-IPS) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com código CAAE 28479819.5.0000.5686. A coleta de dados foi realizada mediante a aprovação da pesquisa pelo sistema CEP/CONEP, de acordo com a Carta Conep 061/2012 (Conselho Nacional de Saúde, 2012).

O estudo seguiu todas as resoluções e normativas éticas para seu desenvolvimento. Dentre elas, as Resoluções n. 510 de 7 de abril de 2016 e n. 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (2012; 2016). A coleta de dados ocorreu apenas com o aceite e preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos/as participantes, fornecendo todas as informações pertinentes sobre a pesquisa. Como cuidados

éticos, buscou-se garantir o sigilo dos/as participantes, assim como a confidencialidade das respostas. O TCLE foi elaborado em linguagem clara e compatível com a realidade dos participantes e o e-mail da pesquisadora foi disponibilizado, para caso alguém quisesse sanar quaisquer dúvidas.

Os participantes foram informados dos riscos e benefícios da pesquisa no TCLE. Como possíveis riscos envolvidos na pesquisa, destacou-se a possibilidade dos instrumentos eliciarem, nos/as participantes, componentes emocionalmente significativos. Para isso, a pesquisadora responsável disponibilizou seu endereço eletrônico de e-mail, divulgado previamente no TCLE, para que o/a participante pudesse entrar em contato e, caso necessário, fosse encaminhado a um serviço de psicologia ou de saúde mental de sua respectiva cidade ou proximidades. Além disso, no TCLE foi esclarecido aos/às participantes que eles não seriam obrigados a responder nenhuma pergunta e, caso aceitassem participar, poderiam desistir do processo em qualquer momento que desejassem, sem trazer nenhum prejuízo a eles/as.

Como benefícios do estudo, destacou-se a contribuição para a descoberta de medidas envolvidas na diminuição do sexismo ambivalente, o que, conseqüentemente, pode contribuir para a redução significativa da violência sexual que vitimiza o público feminino. Nesta perspectiva, seria possível também contribuir para a ampliação do arcabouço teórico sobre o tema, a fim de futuramente serem elaboradas novas intervenções envolvidas na redução do sexismo ambivalente. Um aspecto importante é que os resultados obtidos por meio dessa pesquisa podem contribuir para o aprimoramento das políticas públicas de cuidado e assistência às mulheres vítimas de violência sexual. Dessa maneira, a pesquisa contribuirá indiretamente para os participantes, sobretudo do público feminino.

Futuramente, os resultados e discussões provenientes da pesquisa serão publicados em revistas científicas e apresentados em eventos científicos, a fim de contribuir para o conhecimento da população a respeito do tema abordado.

3.5 Análise dos dados

O procedimento de análise dos dados envolveu o tratamento do banco de dados, mediante o qual foram primeiramente identificados os dados omissos (*missing values*). Os questionários com valores omissos foram preservados, já que foram respondidos em mais de 80% das perguntas. Para isso, foi utilizada a técnica de interpolação linear de dados (Field, 2009).

Em seguida tratou-se os *outliers* encontrados nas escalas. Devido a pouca variabilidade das respostas na escala de emoções, empatia e culpabilização, optou-se por manter alguns *outliers* para preservar esta variância (Field, 2009). Os *outliers* preservados foram os dos itens nos quais a maioria das respostas encontrava-se no valor 1 (Discordo totalmente) que apareceram nas emoções positivas, no item 17 da escala de empatia e nos itens 1 e 9 da escala de culpabilização da vítima. Os *outliers* que foram retirados tinham como ponto de corte o valor 3 (Não discordo e nem concordo).

Também foi realizado um teste Qui-quadrado para testar a distribuição dos participantes nas condições experimentais. Os resultados revelam que houve diferenças estatisticamente significativas entre os dados esperados e os obtidos ($\chi^2_2 = 25,489$; $p < 0,001$), o que demonstra que não houve distribuição igualitária nas três condições experimentais, mesmo com o estudo tendo sido rotacionado na plataforma Unipark UFS survey para que houvesse uma distribuição semelhante e aleatória de participantes em cada condição experimental. Descobriu-se que, do total de 364 participantes, 135 participantes responderam à condição Carnaval, 152 participantes responderam à condição Trabalho, e 77 participantes responderam à condição Controle. Entretanto, eram esperados 121 participantes em cada uma das condições. Tais resultados sugerem que as análises apresentadas podem ser influenciados pela distribuição desigual de participantes nas condições experimentais.

Após a seleção dos participantes, os quais 6 participantes das categorias Outros e Não Binários foram excluídos das análises para melhor atender aos objetivos da pesquisa, totalizaram 358 participantes do sexo feminino (212) e masculino (146).

Também foi realizado um teste Qui-quadrado para testar a relação de independência entre as condições experimentais e sexo. Os resultados (tabela 2) revelam que não houve diferenças significativas entre as condições experimentais e sexo dos participantes ($\chi^2_2 = 1,425$; $p < 0,49$). A condição Carnaval foi constituída por 60% de mulheres e 36,29% de homens, enquanto a condição Trabalho foi constituída por 55,26% de mulheres e 44,07% de homens. Já a condição Controle foi constituída por 61,03% de mulheres e 38,96% de homens. Os resultados indicam que houve uma distribuição semelhante de mulheres e homens em cada condição experimental.

Tabela 2.

Porcentagem e Resíduos Padronizados das condições experimentais em função do sexo dos participantes

Condição experimental	Sexo	Frequência	Percentual	N observado	N esperado	Residual
Carnaval	Mulher	81	60,00%	130	121	9
	Homem	49	36,29%			
Trabalho	Mulher	84	55,26%	151	121	30
	Homem	67	44,07%			
Controle	Mulher	47	61,03%	77	121	44
	Homem	30	38,96%			

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, será explicitado sobre a análise estatística dos resultados (Dancey & Reidy, 2006, 2013; Shaughnessy et al., 2012). As análises foram realizadas com os programas estatísticos *Statistical Package for Social Science* (IBM SPSS Statistics), versão 20 e 23; pelo JASP versão 0.13.1 e pelo Factor, versão 10.10.03.

Serão apresentadas inicialmente as análises fatoriais exploratórias, em seguida as análises referentes aos testes de hipóteses.

4.1 Análises Fatoriais Exploratórias (AFEs)

Com o objetivo de analisar como se estruturam os dados psicométricos das medidas desenvolvidas para este estudo, foram realizadas uma série de análises fatoriais exploratórias, utilizando o programa FACTOR. Para a viabilização das análises fatoriais, contabilizamos apenas os participantes do grupo controle ($n = 77$), para evitar a influência da manipulação do contexto nas respostas dos participantes.

A partir dos resultados das análises fatoriais exploratórias, foi possível construir novas variáveis mediante a soma dos itens contidos em cada um dos fatores, que foram devidamente nomeadas e utilizadas posteriormente nas análises das hipóteses do estudo.

Emoções

Foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE), implementada pelo método de extração *Unweighted Least Squares* (ULS). A decisão sobre o número de fatores/dimensões a ser retido foi realizada por meio da técnica da Análise Paralela (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011) e o método de rotação utilizado foi a *Weighted Varimax* (Lorenzo-Seva & Van Ginkel, 2016).

Inicialmente, a medida continha onze itens, sendo seis emoções negativas e cinco emoções positivas (anexo 2, questão 1). Os itens 06 e 07 (Indiferença e Compaixão, respectivamente) foram excluídos das análises de dados, pois as AFEs realizadas mostraram que ambas apresentavam cargas fatoriais em dois fatores simultaneamente, o que não fazia sentido teórico para a análise de dados e construção dos resultados. Deste modo, optou-se por excluí-las da AFE final. Com a eliminação dos dois itens, a escala final foi composta por nove itens.

A AFE gerou dois fatores para o critério de autovalores (*eigenvalues*) maiores que 1, que explicam 80,2 % da variância total. Os indicadores de ajustes são bons, com a prova de adequação da amostra KMO (teste Kaiser-Meyer-Olkin) de 0,86 e o teste de esfericidade de Bartlett (830.8, $gl = 36$; $p = 0.000010$), que indicam que há correlação entre os itens da escala. O primeiro fator reúne os itens correspondentes à dimensão de Emoções Negativas, explicando 59,7% da variância total. O segundo fator reúne os itens que correspondem à dimensão Emoções Positivas, explicando 20,5% da variância total. Os itens com valores abaixo de 0,40 foram omitidos de acordo com o método de rotação *Varimax* empregado. Apesar disso, podemos observar que foram encontradas cargas fatoriais cruzadas, porém com cargas fatoriais abaixo de 0,40 (Ver tabela 2).

A dimensão Emoções Negativas é composta pelos itens 01, 02, 03, 04 e 05, e a dimensão Emoções Positivas é composta pelos itens 08, 09, 10 e 11. O Alfa de Crombach apresentado em ambas as dimensões da escala foi alto, indicando alta consistência interna tanto na dimensão Emoções Negativas ($\alpha = 0,85$) quanto na dimensão Emoções Positivas ($\alpha = 0,93$).

Tabela 3.

Matriz de componentes rotacionados da análise fatorial exploratória com rotação varimax da medida de Emoções

Itens	Emoções Negativas	Emoções Positivas
5. Senti impotência	0.856	-0.070
4. Senti vergonha	0.820	0.031
2. Senti medo	0.810	0.011
1. Senti tristeza	0.796	0.107
3. Senti raiva	0.661	-0.023
9. Senti alegria	-0.016	0.973
8. Senti satisfação	0.118	0.929
10. Senti bem-estar	-0.087	0.920
11. Senti admiração	-0.048	0.879
<i>Eigenvalue</i>	5.37361	1.84782
Variância explicada	0.59707	0.20531
Consistência interna (Alpha de Crombrach)	0,85	0,93

Nota: N=77. Método de extração: *Unweighted Least Squares*. Método de rotação: *Varimax*.

Empatia em relação às Mulheres Vítimas de Violência Sexual

Foram realizadas Análises Fatoriais Exploratórias (AFE). As análises foram implementadas utilizando o método de extração *Unweighted Least Squares* (ULS). A decisão sobre o número de fatores/dimensões a ser retido foi realizada por meio da técnica da Análise Paralela (Timmerman, & Lorenzo-Seva, 2011) e o método de rotação utilizada foi a *Weighted Varimax* (Lorenzo-Seva & Van Ginkel, 2016).

Inicialmente, a escala foi elaborada com 19 itens (anexo 2, questão 2). Entretanto, ao realizar a AFE com todos os itens no programa *Factor*, não foi possível concretizá-la pois não houve correlação entre os itens. Também foram realizadas AFEs com todos os itens da escala no programa estatístico *Jasp*, onde foi possível descobrir que geravam oito (8) fatores.

Deste modo, os itens 04, 11, 13, 15 e 19 (anexo 2, questão 2) da escala foram excluídos da análise de dados, tendo em vista que estes apresentavam cargas fatoriais em dois

fatores ou mais simultaneamente, o que não fazia sentido teórico para a análise de dados. Além disso, por terem sido extraídos 8 fatores, haveria comprometimento da validação teórica da escala caso fossem mantidos, pois esperava-se a construção de 2 fatores quando a escala foi elaborada com base na literatura especializada. Mesmo após a exclusão dos 5 itens, mediante uma nova AFE no programa *Factor*, determinando o número de fatores em 2, foi possível perceber que alguns itens mantidos pontuavam nos dois fatores.

Deste modo, optou-se por realizar uma nova AFE retirando os itens que fatoravam em 2 fatores (itens 03, 12, 14). Porém, neste caso, a AFE não foi possível de ser realizada uma vez que não se observaram correlações entre os itens.

Depois de analisar todas as possibilidades, excluindo os itens 01, 03, 04, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, foi possível realizar uma nova AFE (Tabela 3) cuja solução unifatorial para o critério de autovalores (*eigenvalues*) maiores que 1 explicou 69,9% da variância total. Os indicadores de ajustes são bons, com a prova de adequação da amostra KMO (teste Kaiser-Meyer-Olkin) de 0,79 e teste de esfericidade de Bartlett (774.0, $gl = 36$; $p = 0.000010$), demonstrando que há correlação entre os itens da escala, e confirmando que a medida apresenta cargas fatoriais aceitáveis e altas. Valores cujas cargas fatoriais ficaram abaixo de 0,40 foram omitidos. Com base neste critério, o item 06 também foi excluído por apresentar uma carga fatorial muito baixa (0,050). O Alfa de Crombach da escala final foi de 0,91, considerado alto e indicando alta consistência interna.

O fator elaborado compõe a medida de Empatia em relação às mulheres vítimas de violência sexual, que abrange a empatia negativa pois é direcionada às emoções negativas da vítima da vinheta fictícia, sendo portanto um estado de angústia pessoal frente ao sofrimento da vítima (Andreychik & Lewis, 2017; Morelli et al., 2015).

Tabela 4.

Matriz de componentes rotacionados da análise fatorial exploratória com rotação varimax da medida de Empatia em relação às Mulheres Vítimas de Violência Sexual

Itens	Empatia Negativa
07. Se eu fosse Letícia, me sentiria desprotegida.	0.926
16. Na situação de Letícia, eu me sentiria vulnerável.	0.917
02. Consigo compreender que Letícia se sentiu bastante indefesa.	0.900
05. Se eu fosse Letícia, me sentiria triste.	0.886
08. Imagino que ela se sentiu humilhada.	0.886
09. Imagino que ela se sentiu aflita.	0.881
17. Conseguiria compreender se Letícia sentisse raiva.	0.798
18. Compreenderia se ela se sentisse com vergonha pelo o que aconteceu.	0.754
06. Acho fácil assumir a perspectiva de Letícia.	0.050
<i>Eigenvalue</i>	6.29672
Variância Explicada	0.69964
Consistência interna (Alpha de Crombrach)	0,91

Nota: N=77. Método de extração: *Unweighted Least Squares*. Método de rotação: *Varimax*. Foram eliminados os valores menores do que 0,40.

Culpa e Responsabilidade no Assédio Sexual

A AFE foi implementada utilizando o método de extração *Unweighted Least Squares* (ULS). A decisão sobre o número de fatores/dimensões a ser retido foi realizada por meio da técnica da Análise Paralela (Timmerman, & Lorenzo-Seva, 2011) e o método de rotação utilizado foi a *Weighted Varimax* (Lorenzo-Seva & Van Ginkel, 2016).

Foi realizada uma AFE no programa *Factor*, na qual foram priorizados itens com cargas fatoriais acima de 0,40, de acordo com o método de rotação *Varimax* empregado. A partir desta primeira AFE com todos os 10 itens da medida (anexo 2, questão 3), constatou-se que alguns itens fatoravam nos 2 fatores propostos (itens 03 e 07), o que não fazia sentido

teórico para a análise dos resultados. O item 03 apresentava carga fatorial acima de 0,40 em ambos os fatores (0.538 e 0.471, respectivamente), por isso foi desconsiderado na composição de novas variáveis. Apesar do item 07 ter fatorado nos 2 fatores simultaneamente, este foi mantido na composição de uma nova variável uma vez que a sua carga fatorial em uma das dimensões foi menor do que 0,40. Já o item 06 necessitou ter seu valor recodificado, pois estava com uma carga fatorial negativa.

Após os ajustes na medida, e exclusão do item 03, a AFE agrupou os itens em 2 dimensões para o critério de autovalores (*eigenvalues*) maiores que 1, explicando 77,4% da variância total. Os indicadores de ajustes são bons, com a prova de adequação da amostra KMO (teste Kaiser-Meyer-Olkin) de 0,62 e os testes de esfericidade de Bartlett (638.6, $gl = 36$; $p = 0.000010$), os quais indicam haver correlações entre os itens da escala. O primeiro fator reúne os itens correspondentes à dimensão Culpabilização da Vítima, explicando 47,5% da variância total. O segundo fator reúne os itens que correspondem à dimensão Culpabilização do Agressor, explicando 29,8% da variância total.

O primeiro fator é composto pelos itens 01, 04, 07, 09 e 10, e o segundo fator concentra os itens 02, 05, 06 e 08. O Alfa de Crombach de cada dimensão foi alto, indicando que a medida possui consistência interna adequada em ambas as dimensões, tanto na Culpabilização da Vítima ($\alpha = 0,79$) quanto na Culpabilização do Agressor ($\alpha = 0,85$).

Tabela 5.

Matriz de componentes rotacionados da análise fatorial exploratória com rotação varimax da medida de Culpa e Responsabilidade no Assédio Sexual

Itens	Culpabilização da vítima	Culpabilização do agressor
10. O homem agiu assim pois achou Letícia linda.	0.902	-0.094
04. O homem se sentiu provocado por Letícia e por isso agiu assim.	0.817	0.026
07. O homem achou que a roupa de Letícia era provocante.	0.774	0.336
01. O que o homem fez com Letícia foi apenas uma brincadeira.	0.678	-0.241
09. O homem mostrou que gosta de Letícia.	0.635	-0.195
05. O comportamento do homem foi preconceituoso.	0.125	0.918
02. Acredito que o homem merece ser denunciado por Letícia na delegacia.	0.173	0.900
06. O homem causou dano para Letícia.	-0.266	0.850
08. O homem foi grosseiro com Letícia.	-0.234	0.803
<i>Eigenvalue</i>	4.28343	2.68735
Variância Explicada	0.47594	0.29859
Consistência interna (Alpha de Crombrach)	0,79	0,85

Nota: N=77. Método de extração: *Unweighted Least Squares*. Método de rotação: *Varimax*.

4.1 Testes das hipóteses

Com o objetivo de analisar as hipóteses de pesquisa, foram realizados testes estatísticos utilizando o programa *SPSS* (versão 23). Neste caso, para a viabilização das análises, foram contabilizados todos os participantes do estudo (n = 358). As hipóteses serão aqui apresentadas em blocos, de acordo com a variável abordada em cada hipótese.

Sexismo em função da condição experimental e sexo dos participantes

À princípio, para testar a hipótese H1 em que prevíamos que *na condição Carnaval os*

participantes apresentariam médias mais altas de SH, em comparação à condição Trabalho, e ainda menos na condição Controle, foi realizada uma Análise de Variância (ANOVA) univariada.

Os resultados estatísticos demonstram que as médias dos participantes (tabela 6) relativas ao sexismo hostil não variaram em função das condições experimentais [$F(2) = 1,20$; $p > 0,05$]. De acordo com o teste Tukey de comparações múltiplas, não houve diferenças estatísticas significativas entre as condições Carnaval e Trabalho (Diferença entre médias - 0,01, $p = 0,98$), e entre as condições Carnaval e Controle (Diferença entre médias - 0,15, $p = 0,31$), assim como entre as condições Trabalho e Controle (Diferença entre médias - 0,14, $p = 0,36$).

Tabela 6.

Análise descritiva da Anova Univariada do Sexismo Hostil em função do contexto em que o assédio ocorre

<i>Medida</i>	<i>Contexto</i>		
	Carnaval M (DP)	Trabalho M (DP)	Neutro M (DP)
Sexismo Hostil	1,82 (0,68)	1,83(0,77)	1,97 (0,74)
Sexismo Benevolente	2,10 (0,71)	2,15 (0,77)	2,27 (0,77)

Essa hipótese foi refutada, pois a maior média de SH encontrada não foi na condição Carnaval mas sim na Controle. Todavia, esta diferença não foi estatisticamente significativa.

Para testar a hipótese H1.a), na qual era previsto que *na condição Carnaval, os homens apresentariam médias mais altas em SH em comparação às mulheres*, foi realizada uma Análise de Variância Multivariada (MANOVA).

Os resultados estatísticos demonstram que as médias dos participantes (tabela 7) relativas ao sexismo hostil e ao sexo não variaram em função das condições experimentais [$F(2) = 2,26$; $p > 0,05$]. De acordo com o teste multivariado Lambda de Wilks, não houve efeito

de interação entre sexo e as condições experimentais [Lamba de Wilks = 0,94; $F(16, 690) = 1,28$; $p > 0,05$].

Tabela 7.

Análise descritiva da Manova do Sexismo Hostil e Benévolo em função do contexto em que o assédio ocorre e sexo dos participantes

Medida	Contexto					
	Carnaval		Trabalho		Neutro	
	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem
Sexismo Hostil	1,62 (0,56)	2,15 (0,76)	1,69 (0,64)	2,01 (0,88)	1,69 (0,59)	2,42 (0,75)
Sexismo Benévolo	1,98 (0,64)	2,30 (0,77)	2,06 (0,69)	2,25 (0,85)	2,16 (0,69)	2,46 (0,86)

Nota: Em parênteses, encontram-se os desvios padrão.

Portanto, essa hipótese foi refutada, já que apesar dos homens apresentarem maior média de SH na condição Carnaval, este resultado não foi estatisticamente significativo.

Para testar a hipótese H1.b), a qual previa que *na condição do Trabalho, homens e mulheres não apresentariam diferenças no Sexismo Benévolo (SB)*, foi realizada uma Manova.

Os resultados estatísticos demonstram que as médias dos participantes (tabela 7) relativas ao sexismo benevolente e ao sexo não variaram em função das condições experimentais [$F(2) = 0,31$; $p > 0,05$]. De acordo com o teste multivariado Lamba de Wilks, não houve efeito de interação entre sexo e as condições experimentais [Lamba de Wilks = 0,94; $F(16, 690) = 1,28$; $p > 0,05$].

Portanto essa hipótese foi confirmada, uma vez que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ao comparar o posicionamento de homens e mulheres.

Culpabilização da vítima e do agressor em função da condição experimental e sexo dos participantes

Para testar a hipótese H2 que previa que *na condição Trabalho haverá maior culpabilização da vítima em comparação à condição Carnaval, e ainda menos na condição Controle*, foi realizada uma Anova univariada.

Os resultados estatísticos demonstram que as médias dos participantes (tabela 8) relativas à culpabilização da vítima variaram em função das condições experimentais [$F(2) = 3,12; p=0,045$]. Todavia, de acordo com o teste Tukey de comparações múltiplas, não houve diferença significativa entre as condições Carnaval e Trabalho (Diferença entre médias $-0,14, p=0,14$), e entre as condições Carnaval e Controle (Diferença entre médias $-0,06, p=0,78$). Entre as condições Trabalho e Controle (Diferença entre médias $-0,20, p=0,06$) também não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa, porém o valor de p se aproxima do valor estatisticamente aceito.

Portanto, essa hipótese foi refutada já que as diferenças entre médias encontradas não foram estatisticamente significativas. Mesmo considerando que a diferença entre as condições Trabalho e Controle se aproxima do valor p estatisticamente aceito, esta diferença iria em direção oposta à proposta pela hipótese H2, pois a condição Controle apresenta maior média de culpabilização da vítima em comparação à condição Trabalho.

Tabela 8.

Análise descritiva da Anova Univariada da Culpa e responsabilidade no assédio sexual em função do contexto em que ocorre o assédio sexual

<i>Medida</i>	<i>Contexto</i>		
	Carnaval Média (DP)	Trabalho Média (DP)	Neutro Média (DP)
Culpabilização da vítima	1,69 (0,58)	1,55 (0,63)	1,76 (0,75)
Culpabilização do Agressor	4,37 (0,72)	4,55 (0,59)	3,36 (1,02)

Para testar a hipótese H2.a), na qual era previsto que *os homens, em comparação às mulheres, culpabilizariam mais a vítima em todas as condições experimentais, em especial na condição do Trabalho*, foi realizada uma Manova.

Os resultados estatísticos demonstram que as médias dos participantes (tabela 9) relativas ao sexo e à culpabilização da vítima não variaram em função das condições experimentais [$F(2) = 0,88$; $p > 0,05$]. De acordo com o teste multivariado Lambda de Wilks, não houve efeito de interação entre sexo e as condições experimentais [Lambda de Wilks = 0,94; $F(16, 690) = 1,28$; $p > 0,05$].

Essa hipótese foi refutada. Apesar de serem encontradas diferenças entre médias, com os homens pontuando mais em culpabilização da vítima do que as mulheres, esta diferença não foi estatisticamente significativa.

Para testar a hipótese H2.b), que previa que *as mulheres, em comparação aos homens, responsabilizariam mais o agressor em todas as condições experimentais, mas na condição Carnaval as médias seriam mais altas*, foi realizada uma Manova.

Os resultados estatísticos indicaram que as médias dos participantes (tabela 9) relativas ao sexo e à culpabilização do agressor não variaram em função das condições experimentais [$F(2) = 0,02$; $p > 0,05$]. De acordo com o teste multivariado Lambda de Wilks, não houve efeito de interação entre sexo e as condições experimentais [Lambda de Wilks = 0,94; $F(16, 690) = 1,28$; $p > 0,05$].

Deste modo, essa hipótese foi refutada pois apesar das mulheres pontuarem mais em culpabilização do agressor do que os homens, esta diferença não foi estatisticamente significativa.

Tabela 9.

Análise descritiva da Manova da Culpabilização da mulher vítima de violência sexual em função do contexto em que ocorre o assédio sexual e sexo dos participantes

<i>Medida</i>	<i>Contexto</i>					
	<i>Carnaval</i>		<i>Trabalho</i>		<i>Neutro</i>	
	<i>Mulher</i>	<i>Homem</i>	<i>Mulher</i>	<i>Homem</i>	<i>Mulher</i>	<i>Homem</i>
Culpabilização da vítima	1,59 (0,53)	1,88 (0,60)	1,50 (0,60)	1,61 (0,68)	1,64 (0,66)	1,94 (0,86)
Culpabilização do agressor	4,48 (0,62)	4,19 (0,83)	4,66 (0,43)	4,40 (0,72)	3,46 (1,07)	3,21 (0,95)

Nota: Em parênteses, encontram-se os desvios padrão.

Empatia em função da condição experimental e sexo dos participantes

À princípio, para testar a hipótese H3, que previa que *na condição Carnaval haverá maior Empatia em comparação à condição Trabalho, e ainda menos na condição Controle*, foi realizada uma Anova univariada.

Os resultados estatísticos indicam que as médias dos participantes (tabela 10) relativas à empatia variaram em função das condições experimentais [$F(2) = 57,81$; $p < 0,05$]. Segundo o teste Tukey de comparações múltiplas, não houve diferença significativa entre as condições Carnaval e Trabalho (Diferença entre médias $-0,07$, $p = 0,58$). Entretanto, foi encontrada diferença estatisticamente significativa entre as condições Carnaval e Controle (Diferença entre médias $0,85$, $p = 0,00$) e Trabalho e Controle (Diferença entre médias $0,92$, $p = 0,00$).

Assim, a hipótese foi parcialmente confirmada, uma vez que foi encontrada diferença estatística entre as médias das condições Carnaval e Controle, com a condição Carnaval apresentando uma média maior. Todavia, não foi encontrada uma diferença entre médias das condições Carnaval e Trabalho.

Tabela 10.

Análise descritiva da Anova Univariada da Empatia em relação à mulher vítima de violência sexual em função do contexto em que ocorre o assédio

<i>Medida</i>	<i>Contexto</i>		
	<i>Carnaval Média (DP)</i>	<i>Trabalho Média (DP)</i>	<i>Neutro Média (DP)</i>
Empatia em relação à mulher vítima de violência sexual	4,50 (0,55)	4,58 (0,60)	3,65 (0,85)

Para testar a hipótese H3.a), a qual previa que *as mulheres, em comparação aos homens, apresentariam médias mais altas de Empatia em todas as condições experimentais, menos na condição Controle*, foi realizada uma Manova.

Os resultados estatísticos indicaram que as médias dos participantes (tabela 11) relativas ao sexo e à empatia não variaram em função das condições experimentais [$F(2) = 0,61$; $p > 0,05$]. De acordo com o teste multivariado Lambda de Wilks, não houve efeito de interação entre sexo e as condições experimentais [Lambda de Wilks = 0,94; $F(16, 690) = 1,28$; $p > 0,05$].

Deste modo, essa hipótese foi refutada. Apesar das mulheres apresentarem maior empatia em ambas as condições experimentais, não foi um resultado estatisticamente significativo.

Tabela 11.

Análise descritiva da Manova da Empatia em relação à mulher vítima de violência sexual em função do contexto em que ocorre o assédio e sexo dos participantes

<i>Medida</i>	<i>Contexto</i>					
	<i>Carnaval</i>		<i>Trabalho</i>		<i>Neutro</i>	
	<i>Mulher</i>	<i>Homem</i>	<i>Mulher</i>	<i>Homem</i>	<i>Mulher</i>	<i>Homem</i>
Empatia em relação à mulher vítima de violência sexual	4,52 (0,55)	4,45 (0,54)	4,63 (0,53)	4,50 (0,68)	3,76 (0,88)	3,47 (0,78)

Nota: Em parênteses, encontram-se os desvios padrão.

Emoções em função da condição experimental e sexo dos participantes

Para testar a hipótese H4 que previa que *haverão médias mais altas de emoções negativas em todas as condições experimentais, sendo mais alta na condição Carnaval, seguida da condição Trabalho, e ainda menos na condição Controle*, foi realizada uma Anova univariada.

Os resultados estatísticos indicam que as médias dos participantes (tabela 12) relativas às emoções negativas variaram em função das condições experimentais [$F(2) = 80,01$; $p < 0,05$]. De acordo com o teste Tukey de comparações múltiplas, não houve diferença significativa entre as condições Carnaval e Trabalho (Diferença entre médias $-0,07$, $p = 0,81$). Entretanto, foi encontrada diferença estatisticamente significativa entre as condições Carnaval e Controle (Diferença entre médias $1,62$, $p = 0,00$) e Trabalho e Controle (Diferença entre médias $1,70$, $p = 0,00$).

Deste modo a hipótese foi parcialmente confirmada, já que a média na condição Controle foi menor em comparação à condição Carnaval, mas não foram encontradas diferenças entre as médias da condição Carnaval e Trabalho.

Tabela 12.

Análise descritiva da Anova Univariada das Emoções em função do contexto em que ocorre o assédio

<i>Medida</i>	<i>Contexto</i>		
	Carnaval	Trabalho	Neutro
	Média (DP)	Média (DP)	Média (DP)
Emoções Negativas	3,63 (1,03)	3,70 (1,01)	2,00 (1,04)
Emoções Positivas	1,06 (0,37)	1,08 (0,42)	1,62 (1,11)

Para testar a hipótese H4.a), na qual era previsto que *as mulheres, em comparação aos homens, apresentariam médias mais altas em emoções negativas em todas as condições*

experimentais, menos na condição Controle, foi realizada uma Manova.

Os resultados estatísticos indicam que as médias dos participantes (tabela 13) relativas ao sexo e às emoções negativas não variaram em função das condições experimentais [$F(2) = 1,46$; $p > 0,05$]. De acordo com o teste multivariado Lambda de Wilks, não houve efeito de interação entre sexo e as condições experimentais [Lambda de Wilks = 0,94; $F(16, 690) = 1,28$; $p > 0,05$].

Assim, essa hipótese foi refutada. Pois apesar das mulheres apresentarem maior média de emoções negativas em ambas as condições experimentais, não foi uma diferença significativa em comparação à pontuação dos homens.

Tabela 13.

Análise descritiva da Manova das Emoções Negativas e Positivas em função do contexto em que ocorre o assédio e sexo dos participantes

<i>Medida</i>	<i>Contexto</i>					
	<i>Carnaval</i>		<i>Trabalho</i>		<i>Neutro</i>	
	<i>Mulher</i>	<i>Homem</i>	<i>Mulher</i>	<i>Homem</i>	<i>Mulher</i>	<i>Homem</i>
Emoções Negativas	3,76 (0,91)	3,33 (1,17)	3,91 (0,85)	3,44 (1,15)	2,00 (0,87)	2,00 (1,26)
Emoções Positivas	1,07 (0,46)	1,05 (0,19)	1,08 (0,40)	1,09 (0,44)	1,57 (1,00)	1,68 (1,27)

Nota: Em parênteses, encontram-se os desvios padrão.

5 DISCUSSÃO

Este capítulo se refere à discussão dos resultados encontrados nas análises estatísticas das hipóteses de pesquisa formuladas. Está organizado em quatro blocos, de acordo com a organização prévia das hipóteses e com o objetivo do estudo: analisar a relação entre o preconceito de gênero (sexismo ambivalente), a empatia, as emoções e a culpabilização (da vítima e do agressor) pelo assédio sexual, considerando o sexo dos participantes e o contexto em que ocorre o assédio sexual (carnaval, trabalho, neutro).

Sexismo em função contexto em que ocorre o assédio sexual e sexo dos participantes

É possível compreender até o momento que a utilização de práticas sexistas e o sexismo apresentam consequências negativas para a qualidade de vida das mulheres, sendo uma variável importante para a ocorrência da violência sexual e culpabilização da vítima. Logo, é importante compreendermos os seguintes resultados das hipóteses de pesquisa (Barbosa et al., 2010; Becker & Sibley, 2016; Freitas & Farinelli, 2016; Souza et al., 2013; Stewart, 2014).

Na hipótese H1, na qual era previsto que *na condição Carnaval os participantes apresentariam médias mais altas de SH, em comparação à condição Trabalho, e ainda menos na condição Controle*, não foram encontradas diferenças no SH em relação às condições experimentais, o que difere do encontrado na literatura (Glick et al., 1997; Glick & Fiske, 1996, 2001).

No contexto do carnaval, esperava-se encontrar maior SH por apresentar a personagem Leticia como possuidora de aspectos considerados socialmente incongruentes aos papéis tradicionais de gênero, ao frequentar festas e demonstrar seu desejo por dançar, se divertir e

consumir bebida alcoólica (Donde, 2015; Glick et al., 1997; Glick & Fiske, 1996, 2001; Persson et al., 2018).

O sexismo ambivalente é preditor da classificação das mulheres pelos homens em dois subgrupos polarizados: as que devem ser valorizadas por se comportarem de acordo com os papéis tradicionais do gênero feminino, e as que devem ser rejeitadas, por rejeitarem este padrão social (Glick et al., 1997; Glick & Fiske, 1996, 2001). É conhecido que papéis estereotipados de gênero orientam as relações sociais entre os indivíduos, favorecendo a disseminação do sexismo nas relações humanas. O contexto social atribui diferentes papéis às mulheres (submissão, fragilidade, passividade, sensibilidade, não assertividade, delicadeza, mães e esposas cuidadosas e amorosas, por exemplo) e aos homens (racionalidade, força, competição, agressividade, e maior status social, por exemplo). Isso impacta diretamente na aceitação da violência contra a mulher (Glick et al., 1997; Glick & Fiske, 1996, 2001).

Deste modo, era esperado que a personagem Letícia no contexto do carnaval não fosse considerada socialmente como uma mulher puritana, frágil e pertencente ao âmbito doméstico. Afinal, mulheres que rejeitam papéis tradicionais de gênero sofrem rejeição e punição social, passando a receber ainda mais SH e avaliações negativas (Filho et al., 2011; Glick & Fiske, 1996, 2001; Lemonaki et al., 2015). Entretanto, esta hipótese não foi confirmada.

No contexto do trabalho, esperava-se menor SH pois a personagem seria vista como uma mulher honesta e trabalhadora, que se esforça acordando cedo para trabalhar. Mas essa hipótese foi refutada, em parte pois não consideramos que o cenário do trabalho também ativaria o SH, já as mulheres comumente são vistas socialmente dentro do estereótipo de donas de casa, esposas e mães protetoras, e não como mulheres de negócios ou em papéis de maior destaque e *status* social, em comparação aos homens (Glick & Fiske, 1996, 2001; Lemonaki et al., 2015).

Na hipótese H1.a), era previsto que *na condição Carnaval, os homens apresentariam médias mais altas em SH em comparação às mulheres*, o que não foi encontrado. Este resultado difere de estudos anteriores encontrados na literatura (Bosson, Pinel, & Vandello, 2010; Durán et al., 2014; Garaigordobil, 2014; Glick & Fiske, 1996, 2001; Manoussaki & Veitch, 2015).

Estudos anteriores afirmavam que homens e mulheres diferem quanto ao SH, com os homens pontuando mais em SH do que as mulheres. A literatura afirma também que o SH é mais facilmente combatido pelas mulheres do que o SB, devido ao SH ser mais explícito e mais facilmente identificado, já que envolve comportamentos que abertamente buscam prejudicar as mulheres e insultos raivosos. Enquanto isso, o SB possibilita fornecer ganhos secundários às mulheres, como carinho, proteção e atitudes cavalheirescas dos homens (Bosson et al., 2010; Durán et al., 2014; Garaigordobil, 2014; Glick & Fiske, 1996, 2001; Manoussaki & Veitch, 2015).

Esperava-se que o cenário do carnaval seria mais associado ao SH por mostrar de maneira explícita uma mulher com aspectos contrários aos dos papéis tradicionais socialmente estipulados ao gênero feminino, o que comumente promove maior direcionamento de SH à essas pessoas (Bosson et al., 2010; Glick & Fiske, 1996).

Na Hipótese H1.b), a qual previa que *na condição do Trabalho, homens e mulheres não apresentariam diferenças no Sexismo Benévolo (SB)*, foi encontrada ausência de diferenças quanto ao sexo no SB, neste contexto experimental, confirmando essa hipótese de pesquisa.

De acordo com a literatura, as mulheres endossam o SB tanto quanto os homens devido ao SB ser mais dificilmente identificado como um tipo de preconceito de gênero. O SB traz consigo elementos positivos, como proteção, cavalheirismo e elogios por parte do homem em direção à mulher, promovendo com que elas sejam colocadas em um pedestal, por

exemplo. Apesar do SB possuir por detrás crenças sexistas negativas de que as mulheres não conseguirão realizar atividades difíceis sozinhas, como de raciocínio lógico, ou crenças de que elas são frágeis e por isso necessitam da proteção masculina, as mulheres recebem e interpretam o SB como sendo correspondentes à atitudes benéficas, promovendo assim um ganho secundário para elas (Bosson et al., 2010; Durán et al., 2014; Garaigordobil, 2014; Glick & Fiske, 1996, 2001; Manoussaki & Veitch, 2015;).

De acordo com Durán et al. (2014), as mulheres podem até mesmo sentir uma atração romântica alta por homens sexistas benevolentes, o que sugere uma dificuldade das mulheres em perceberem o sexismo benevolente como negativo em suas vidas.

Também era esperado que o SB fosse ativado no cenário experimental do trabalho, por este evidenciar um assédio sexual mais implícito e camuflado, em comparação ao cenário do carnaval. Entretanto, os resultados indicam que não houveram diferenças estatisticamente significativas entre os cenários carnaval e trabalho quanto ao sexismo hostil e benevolente. Deste modo, ambos os cenários ativaram na mesma intensidade as dimensões do sexismo ambivalente.

Culpabilização da vítima e do agressor em função contexto em que ocorre o assédio sexual e sexo dos participantes

A literatura tem apontado que a culpabilização da vítima vem sendo associada às condições da situação em que a vítima se encontra, como se há consumo de drogas lícitas e ilícitas e se a vítima conhece previamente o agressor (Bieneck & Krahe, 2011; Donde, 2015; Persson et al., 2018).

Se levarmos em consideração os resultados encontrados no presente estudo no que se refere às hipóteses associadas à culpabilização da vítima ou do agressor do assédio sexual, em que havíamos previsto que *na condição Trabalho haveria maior culpabilização da vítima em*

comparação à condição Carnaval, e ainda menos na condição Controle (H2), os resultados foram diferentes do esperado, ou seja, não foram encontradas diferenças estatísticas significativas na culpabilização da vítima em relação ao contexto de cada condição experimental, divergindo do encontrado na literatura (Bieneck & Krahé, 2011; Donde, 2015; Persson et al., 2018).

Estudam anteriores (Bieneck & Krahé, 2011; Donde, 2015; Persson et al., 2018) destacam que o contexto é uma variável importante no processo de culpabilização. Em contextos nos quais a vítima conhece previamente o agressor de violência sexual e/ou possui uma relação anterior com ele, ela é mais culpabilizada socialmente pela ocorrência de seu assédio. Enquanto isso, mulheres vítimas que sofreram assédio sexual de homens desconhecidos eram menos culpabilizadas pelo ocorrido.

Deste modo, era esperado que a personagem da condição experimental Trabalho fosse mais culpabilizada pelos participantes, já que conhecia seu chefe o qual a assediou sexualmente, pois popularmente pode se pensar que se a mulher conhece previamente o seu agressor, ela deve ter fornecido motivos para a agressão ocorrer. Em contrapartida, a personagem Letícia no contexto do carnaval desconhecia o homem que a agrediu sexualmente, sendo assim era esperado que neste contexto ela então fosse menos culpabilizada pelos participantes (Bieneck & Krahé, 2011; Donde, 2015; Persson et al., 2018), uma vez que ela teria menos informações sobre o agressor.

Uma das possíveis explicações para a hipótese ter sido refutada é que pesquisas relatam que as mulheres que assumem papéis incongruentes aos papéis tradicionalmente atribuídos ao sexo feminino recebem maior culpabilização da vítima em comparação à mulheres que não violam estes papéis sociais (Grubb & Turner, 2012). Sendo assim, a construção dos cenários experimentais pode não ter deixado estes aspectos claros o suficiente para diferenciar os papéis sociais das personagens, sobretudo na condição Trabalho e

Carnaval.

Além disso, o fato de em todos os cenários experimentais a personagem Letícia não apresentar qualquer resistência verbal ou física também pode ter influenciado na equivalência das respostas dos participantes quanto à culpabilização da vítima. Pois atualmente sabe-se que quando a vítima apresenta resistência verbal ou física contra a agressão sexual sofrida, pode impulsionar a diminuição da culpabilização da vítima e aumentar a culpabilização do agressor (Donde, 2015).

Também havíamos previsto que *os homens, em comparação às mulheres, culpabilizariam mais a vítima em todas as condições experimentais, em especial na condição do Trabalho (H2.a)*, o que não se confirmou, diferentemente do esperado de acordo com a literatura (Bongiorno, Langbroek, Bain, Ting, & Ryan, 2019; Grubb & Turner, 2012).

Entretanto, há contextos em que as mulheres podem culpabilizar a vítima tanto quanto os homens. As mulheres podem se identificar com a mulher vítima de violência sexual, sentindo-se semelhante à ela ao entrar em contato com o cenário que relata uma agressão sexual. Com isso, para proteger-se da expectativa de um futuro semelhante, elas podem aplicar a atribuição defensiva através da dissonância cognitiva, endossando a culpabilização da vítima e afirmando que a vítima é diferente dela mesma. Sendo assim, elas terão um destino e futuro diferentes, diminuindo a expectativa da mulher em sofrer uma agressão sexual (Grubb & Turner, 2012). Esta pode ser uma das razões para que a hipótese tenha sido refutada.

De maneira similar à hipótese anterior, não foi possível confirmar a hipótese referente à culpabilização do agressor (H2.b), em que se previa que *as mulheres, em comparação aos homens, responsabilizariam mais o agressor em todas as condições experimentais, mas na condição Carnaval as médias seriam mais altas*. Novamente estes resultados são diferentes do que estudos anteriores haviam encontrado (Bongiorno et al., 2019; Grubb & Turner, 2012).

De acordo com estes estudos, as mulheres usualmente direcionam mais empatia à mulher vítima de violência sexual do que os homens. Os homens tendem a se identificar mais com o agressor e conseqüentemente a ter maior empatia pelo perpetrador de violência sexual. Isso impacta diretamente os níveis de culpabilização da vítima atribuídos, nos quais os homens tendem a culpabilizar mais a vítima do que as mulheres. E as mulheres tenderiam, então, a identificar-se mais com a vítima e a atribuir maior culpabilização ao agressor pela violência sexual ocorrida.

Além disso, devido à diferença de socialização de homens e mulheres, as mulheres tenderiam a identificar mais facilmente uma situação de assédio sexual do que os homens, que tendem a normalizá-la (Bongiorno et al., 2019; Grubb & Turner, 2012).

Entretanto, há estudos que indicam que mulheres que sofreram agressão sexual podem internalizar a culpabilização da vítima atribuída socialmente, desenvolvendo assim autoculpa e vergonha, internalizando uma estigmatização negativa sobre si mesma e responsabilizando menos o seu agressor. Além disso, outras variáveis impactam a atribuição de responsabilidade ao agressor, como o nível de gravidade da agressão e de dano físico causado, no qual quanto maior o dano físico sofrido, maior culpa seria atribuída ao agressor (Donde, 2015; Kennedy & Prock, 2016). Variáveis que não foram mensuradas no presente estudo.

Ademais, a idade da mulher que presencia uma situação de violência sexual também pode ser uma variável importante, no qual quanto maior a sua idade menos culpa ela pode atribuir, seja a si mesma (auto-culpa caso ela tenha sido vítima de violência sexual em algum momento) ou ao agressor (Donde, 2015). E a questão do nível de intoxicação da vítima (uso de álcool e outras drogas) também é um fator impactante, no qual quanto maior a intoxicação da vítima, mais culpa é atribuída a ela pela agressão sofrida (Bieneck & Krahé, 2011), questões também não exploradas no presente estudo.

Deste modo, a hipótese pode ter sido refutada pois as mulheres também podem

internalizar a culpabilização da vítima atribuída socialmente e passar a culpabilizar a si mesma (caso sejam sobreviventes de violência sexual) ou outras mulheres vítimas. Além disso, o cenário Carnaval não mostra um nível alto de dano físico causado à vítima, e apresenta a personagem como tendo o desejo de ingerir bebida alcoólica durante a festa, o que configuraria em associar à personagem à um possível alto nível de intoxicação. Estas variáveis podem ter causado um efeito não esperado na interpretação do cenário pelos participantes. Entretanto, como no presente estudo estas variáveis não foram analisadas, não podemos afirmar seu efeito. Para isso, são necessários maiores estudos.

Empatia em função contexto em que ocorre o assédio sexual e sexo dos participantes

Como visto até o momento, o sexismo ambivalente e a culpabilização da vítima ou do agressor parece não ter apresentando grandes variações entre o contexto e o sexo do participante. Sabendo que a empatia é uma variável importante associada à redução do sexismo ambivalente, assim como pode ser entendida como motivadora de comportamentos pró-sociais de ajuda (Batson, 2009, 2011; Batson et al., 2015; Eisenberg et al., 2010; Ferguson & Ireland, 2012; Stewart, 2014), iremos discutir como a empatia se apresenta nestas situações.

Considerando que *na condição Carnaval haveria maior Empatia em comparação à condição Trabalho, e ainda menos na condição Controle (H3)*, foram constatadas diferenças estatísticas significativas no nível de empatia apenas entre as condições Carnaval e Controle, com o cenário carnaval ativando mais empatia em comparação ao cenário controle, como o esperado de acordo com a literatura (Garaigordobil, 2014; Gracia et al., 2014; Lila et al., 2010). Todavia, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas médias da empatia entre as condições Carnaval e Trabalho, refutando parcialmente a hipótese de

pesquisa.

É possível reconhecer que de fato a maior empatia foi ativada no contexto do carnaval em comparação à condição controle, impactando portanto a percepção do assédio sexual da personagem Letícia. O que promove perceber a situação de assédio sexual contra a mulher de maneira mais grave, em comparação à percepção de pessoas com menor empatia, o que foi congruente ao encontrado na literatura (Gracia et al., 2011; Stewart, 2014).

Os resultados deste estudo indicam também que, independente da condição experimental, a empatia direcionada à vítima foi alta. Isso pode ser um indicativo de que os/as participantes foram capazes de se colocar no lugar da vítima, o que pode motivar comportamentos altruístas de ajuda às vítimas de violência sexual (Batson, 2009, 2011; Batson et al., 2015; Eisenberg et al., 2010).

Também não foram encontradas diferenças significativas na empatia comparando homens e mulheres em função das condições experimentais (H3.a). Novamente os resultados aqui apresentados são contrários ao que foi amplamente relatado na literatura (Davis, 1980; Ferrão et al., 2013; Garaigordobil, 2014; Osman, 2011; Sampaio et al., 2011). Uma vez que a literatura sugere que as mulheres podem sentir mais empatia pela mulher vítima de agressão sexual do que os homens, por se identificarem com a mulher que sofreu a agressão. Isso ocorre sobretudo com mulheres que já sofreram violência sexual, mas também com as mulheres em geral.

Por outro lado, os homens poderiam se identificar mais com o perpetrador de violência sexual, diminuindo assim o direcionamento da empatia para a vítima e direcionando-a para o agressor (Osman, 2011), o que não foi observado neste estudo pois os resultados demonstram que homens e mulheres sentem de forma semelhante a empatia para com a vítima da violência sexual nos diferentes contextos experimentais apresentados.

Entretanto, dentre os fatores que podem ter impactado estes resultados, estão a idade e

o nível de escolaridade. Estudos encontraram que quanto maior a idade do indivíduo, menos empatia ele pode sentir. Deste modo, os idosos seriam menos empáticos do que os mais jovens, e devemos considerar que nossa amostra foi composta majoritariamente por jovens com média de 31 anos (mulheres) e 32 anos (homens). Uma das explicações para isso acontecer seria o tipo de socialização das pessoas idosas ao longo da vida, que se difere dos mais jovens gerando uma diferença geracional na empatia. Comumente, as pessoas idosas receberam uma socialização do contexto familiar, escolar e social nos quais a inibição emocional era reforçada e valorizada, diminuindo assim a expressão emocional desses indivíduos, o que inclui a empatia (Garaigordobil, 2014).

O nível educacional também se mostra uma variável impactante nesse contexto, no sentido de quanto maior o nível educacional mais a empatia é ativada. Com o aumento do nível educacional, amplia-se a promoção dos processos socioemocionais e das relações de igualdade entre os indivíduos, fornecendo um efeito diretamente na capacidade de sentir empatia (Garaigordobil, 2014). Quase a metade da amostra do presente estudo é composta por estudantes (41,2%), e destes a maioria está inserida no ensino superior (36,26%) e na pós-graduação (26,09%). Sendo assim, o fato da maioria dos participantes ser composta por jovens e possuir alto nível de escolaridade pode ter impactado os resultados encontrados, nos quais a empatia foi ativada de maneira semelhante independente do sexo dos participantes.

Além disso, a atribuição defensiva atuante através da dissonância cognitiva pode ter influenciado os resultados. Já que quando a mulher percebe-se como semelhante à vítima de violência sexual, podendo receber o mesmo destino que a vítima, ela pode defender-se da possibilidade e perspectiva desse futuro passando a perceber a vítima como diferente dela mesma (Ferrão et al., 2013).

Essas variáveis mencionadas, como idade, nível de escolaridade e atribuição defensiva, não foram analisadas neste estudo. Todavia podem ser importantes para a maior

compreensão dos fenômenos aqui estudados. Para tanto, são necessárias pesquisas futuras visando ampliar este conhecimento.

Emoções em função do contexto em que ocorre o assédio sexual e sexo dos participantes

A literatura se refere à empatia como um tipo de emoção que possibilita compreender como o outro se sente em determinado momento de sua vida. A empatia também abrange emoções como compaixão, ternura, simpatia, tristeza, perturbação, angústia, piedade e aflição. Sendo assim, as emoções participam da motivação altruísta em ajudar o outro que está em sofrimento (Batson, 2009, 2011; Batson et al., 2015; Davis, 1983; Decety & Yoder, 2015; Eisenberg et al., 2010; Hatfield et al., 2009; Hoffman, 2008). Levando em consideração esta associação entre empatia, emoções e comportamentos sociais de aproximação, passamos a discutir os resultados referentes ao impacto das emoções positivas e negativas frente às situações de assédio sexual nos diferentes contextos e de acordo com o sexo dos participantes.

No que se refere a ativação de emoções diante de uma situação de assédio sexual, havia sido previsto que *as emoções negativas seriam mais intensas em todos os contextos, sendo mais altas na condição Carnaval, seguida da condição Trabalho, e ainda menos na condição Controle (H4)*. No contexto do carnaval foram ativadas mais emoções negativas em comparação ao cenário controle, como o esperado de acordo com a literatura (Batson, 2009, 2011; Batson et al., 2015; Eisenberg et al., 2010; Hoffman, 2008; Telle & Pfister, 2015), porém não foram encontradas diferenças entre as condições Carnaval e Trabalho, onde ambas ativaram fortemente as emoções negativas. Neste caso, essa hipótese foi parcialmente confirmada.

As emoções negativas comumente estão associadas à empatia, quando esta é direcionada à pessoas em sofrimento. Neste contexto, a empatia é derivada de emoções

negativas. Assim, emoções negativas e empatia caminham na mesma direção, estando envolvidas nas motivações pró-sociais e comportamentos de ajuda ao outro, que são derivados desses estados emocionais. No presente estudo, mesmo não havendo diferenças entre as condições carnaval e trabalho, ambas ativaram fortemente as emoções negativas, fornecendo resultados compatíveis com a literatura (Batson, 2009, 2011; Batson et al., 2015; Eisenberg et al., 2010; Hoffman, 2008; Telle & Pfister, 2015).

Mesmo não tendo sido analisada a relação entre o sexismo e o tipo de emoções ativadas em diferentes contextos de violência sexual, a literatura afirma que o SH ativa mais emoções negativas nas vítimas do que o SB (Lemonaki et al., 2015), sendo a raiva a emoção mais associada e que motiva mais as vítimas a reagirem contra o sexismo (Paladino, Zaniboni, Fasoli, Vaes, & Volpato, 2014). Enquanto isso, outros estudiosos afirmam que tanto o SH quanto o SB ativam com mesma intensidade as emoções negativas nas vítimas, sobretudo raiva e nojo, seguidos de tristeza, medo e vergonha (Bosson et al., 2010). No presente estudo, não foram encontradas diferenças nas emoções negativas no contexto do carnaval (mais relacionado ao SH) e do trabalho (mais relacionado ao SB), talvez por esta razão.

Finalmente, supomos que *as mulheres, em comparação aos homens, apresentariam médias mais altas em emoções negativas em todas as condições experimentais, menos na condição Controle (H4.a)*. Entretanto, os resultados demonstram que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas emoções negativas quando comparadas ao sexo dos participantes, o que contradiz o encontrado na literatura (Gardener, Carr, MacGregor, & Felmingham, 2013; Lungu, Potvin, Tikász, & Mendrek, 2015; Kong, Zhen, Li, Huang, Wang, Song, & Liu, 2014). Sendo assim homens e mulheres, independentemente da condição experimental, sentem fortes emoções negativas diante de uma situação de violência sexual, o que nos parece um resultado relevante se levarmos em consideração que as emoções negativas são preditoras de comportamento proativos.

Ainda que tenhamos encontrado que homens e mulheres não se diferenciaram na ativação das emoções negativas diante de uma cena de violência sexual, estudos defendem que o sexo interfere no processamento das emoções negativas de maneira diferente a nível cerebral, no qual os homens apresentam uma resposta mais avaliativa enquanto as mulheres apresentam uma resposta mais afetiva, sendo mais sensíveis a estímulos ameaçadores (como cenas de violência sexual) do que os homens. Também é conhecido que a aprendizagem através da socialização diferenciada entre os gêneros afeta diretamente como homens e mulheres lidam com as emoções. Neste sentido, os papéis sociais sexuais e a identidade construída socialmente referente à feminilidade e à masculinidade impactam nas respostas emocionais à estímulos negativos, e assim as mulheres aprendem a ser mais receptivas e perceptivas às emoções negativas do que os homens (Gardener et al., 2013; Lungu et al., 2015; Whittle, Yucel, Yap, & Allen, 2011).

Entretanto, há estudos que afirmam que apesar das mulheres reconhecerem de maneira mais precisa as emoções e responderem de maneira mais reativa emocionalmente a estímulos negativos (a exemplos de imagens que geram medo, raiva e nojo), os homens possuem maior capacidade de regulação emocional do que as mulheres e, nesta perspectiva, eles também podem ser reativos a estímulos negativos, como situações de ataque, domínio e desprezo (Kong et al., 2014; Whittle et al., 2011). Esta pode ser uma possível explicação para a ausência de diferenças entre os sexos na ativação das emoções negativas dos cenários experimentais em questão.

Estes resultados podem sugerir que esteja ocorrendo uma mudança nos padrões psicológicos e comportamentais dos papéis de gênero, em que pesquisadores indicam que homens estariam se engajando na luta social contra o sexismo e se indignando com comportamentos sexistas e violentos, tanto quanto as mulheres. Entretanto, por razões diferentes: enquanto as mulheres tendem a sentir mais raiva, seguida de tristeza, nojo,

vergonha e constrangimento diante de cenas sexistas, os homens tendem a se defender do sentimento de humilhação e ridicularização de seu grupo social, buscando restaurar a reputação grupal e pessoal após cenas de comportamentos sexistas e violentos perpetrados por homens em direção à mulheres. Assim, condenam os perpetradores e mostram respeito às mulheres para distanciar sua imagem da imagem do perpetrador de violência contra a mulher (Paladino et al., 2014). Estas são questões que precisam ser exploradas em outros estudos.

Discussão geral

Diante de todas as reflexões apresentadas até o momento, é possível perceber que a maioria das hipóteses foi refutada e não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os cenários experimentais do carnaval e do trabalho. Levantamos algumas suposições para isso. Em parte, isso pode ter ocorrido devido à construção dos cenários experimentais, que possivelmente apresentaram isomorfia entre si e podem não ter conseguido se diferir tanto quanto o esperado, tendo em vista a proposta de ativarem diferentes níveis de sexismo ambivalente, de culpabilização da vítima e do agressor, de empatia e de emoções.

Já o cenário controle foi o grande diferencial em comparação à condição experimental do carnaval, pois foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre ambos. Assim, o cenário carnaval conseguiu ativar mais empatia e emoções negativas do que o cenário controle, confirmando parcialmente as hipóteses de pesquisa H3 e H4.

No que se refere aos resultados sobre a ausência de diferenças encontradas entre homens e mulheres, passamos a refletir e a questionar se a violência sexual contra uma mulher, independente do contexto e do sexo do participante, começa a ser percebida de outra maneira e a ser questionada em nosso país, pelo menos entre os mais jovens e universitários,

levando em consideração o perfil dos nossos participantes. Ou seja, se a violência sexual passa a ser menos aceita pelos indivíduos atualmente.

Um exemplo disso é o engajamento dos homens na luta feminista contra comentários sexistas direcionados às mulheres, ditos pelo ex-primeiro ministro da Itália Silvio Berlusconi em 2009. Segundo Paladino et al. (2014), os homens se engajaram tanto quando as mulheres em protestos contra as atitudes sexistas do então político. Os homens apoiaram este movimento motivados à se diferenciar da imagem de Berlusconi e restaurar suas reputações diante da sociedade, enfrentando os sentimentos de humilhação, raiva e ridicularização direcionados à sua categoria social (homens) pelos indivíduos, diante dos atos do político.

Importante perceber que no contexto de situações sexistas perpetradas por homens, as mulheres passam a sentir raiva do exogrupo mas os homens passam a sentir raiva de seu próprio grupo, ou de membros de seu grupo. O que implica consequências na percepção de sua imagem pessoal e identidade social, e conseqüentemente motivação para reparação social. Deste modo, os homens podem engajar-se em movimento sociais feministas demonstrando motivação por comportarem-se de acordo com as normas sociais atuais, de respeito às mulheres e de igualdade e equidade de gênero. Assim, promover a reparação social permite com que os homens sua reputação pessoal e vida em comunidade, se diferenciando do perpetrador da violência contra a mulher (Paladino et al., 2014).

Além disso, há uma escassez de pesquisas abordando as reações dos homens à depreciação feminina, o que se mostra um amplo caminho a ser investigado (Paladino et al., 2014).

Há estudos que também investigam o impacto das normas sociais na resposta empática explícita de pessoas caucasianas direcionada à pessoas negras, explorando o contexto do preconceito racial. Considerando que no presente estudo investigamos sobre o preconceito de gênero, podemos relacionar os resultados encontrados com a presente pesquisa. Sugere-se que

as normas sociais e a desejabilidade social podem impactar tanto as respostas empáticas direcionadas à membros do exogrupo, que podem promover não apenas uma resposta empática igualitária direcionada aos membros do endo e exogrupo, mas podem até mesmo promover uma resposta empática explícita maior para os membros do exogrupo (indivíduos negros), em comparação aos membros do endogrupo (indivíduos caucasianos). Isso tornaria-se uma correção excessiva da resposta empática, pois desprivilejaria os membros do endogrupo. Entretanto, este seria um comportamento adaptativo às normas sociais, e derivado de um esforço cognitivo autorregulatório necessário para enfraquecer as atitudes negativas e preconceituosas direcionada às pessoas negras (Di Palma, Arcangeli, Latanzzi, Gabbiadini, Gallucci, Cuppini, Minelli, & Berlingeri, 2019).

Logo, o sistema neurocognitivo pode ser moldado pela educação e normas sociais, e este é um exemplo de que os indivíduos podem ser capazes de autorregular cognitivamente seus próprios comportamentos, apresentando comportamentos controlados diante de membros do exogrupo (Di Palma et al., 2019), como os comportamentos dos homens direcionados às mulheres.

Podemos refletir também se a percepção da violência sexual contra a mulher, tanto dos homens quanto das mulheres, vem sendo uma estratégia utilizada para expressar o politicamente correto. O politicamente correto é conceituado como uma evitação de formas de expressão (a nível da linguagem ou comportamental) que insultem e excluam pessoas de grupos sociais marginalizados, desfavorecidos ou discriminados. Torna-se então uma expressão restrita e congruente às normas sociais de uma determinada sociedade, e promovem maior aceitação social dos indivíduos que a utilizam (Arnestad, 2019).

Deste modo, um homem pode negar e camuflar sua opinião verdadeira, porém discriminatória contra as mulheres, autocensurando sua expressão como uma estratégia para ser aceito socialmente por seus pares. O politicamente correto é muito presente no âmbito da

discriminação de gênero no ambiente de trabalho e acadêmico. Ou seja, homens e mulheres tornam-se mais sensíveis e relutantes em expressar suas opiniões verdadeiras sobre o desempenho das mulheres em comparação ao dos homens nestes ambientes (Arnestad, 2019).

Além disso, pessoas com comportamentos politicamente incorretos direcionados às mulheres no ambiente de trabalho foram percebidas como menos confiáveis, capazes e íntegras (Arnestad, 2019).

É possível inferir, portanto, que as normas sociais e o politicamente correto podem ser variáveis que impactaram as respostas dos participantes, promovendo resultados nos quais os homens afirmaram perceber com a mesma gravidade as situações de assédio sexual em comparação às mulheres, não havendo diferenças nas percepções de acordo com o sexo. Entretanto, novos estudos precisam ser desenvolvidos para testar estes questionamentos.

De qualquer forma, independente dos resultados indicarem uma real mudança ou não nos padrões de comportamento dos homens diante da violência sexual sofrida por uma mulher, o importante é o engajamento proporcionado na luta contra o sexismo, a violência contra as mulheres e as discriminações de gênero. O engajamento de toda e qualquer pessoa neste âmbito é bem-vindo, independente do sexo biológico que o indivíduo possua, uma vez que é preciso reforçar os pensamentos e emoções que estimulem as ações de igualdade e equidade entre homens e mulheres, a nível social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi avaliar como ocorre a interação entre sexismo ambivalente, empatia, emoções, culpabilização da vítima e do agressor pelo assédio sexual, considerando o sexo do participante e o contexto onde ocorria o assédio sexual contra a mulher. A proposta foi associar à cada condição experimental uma dimensão do SA, com o SH sendo associado à condição carnaval e SB sendo associado à condição trabalho. A partir disso, foi possível compreender como as demais variáveis eram ativadas em cada condição experimental.

Apesar de muitas hipóteses terem sido refutadas, é importante reconhecer que a condição controle teve um papel diferencial nas análises, visto que conseguiu cumprir sua função ao obter resultados com ausência de diferenças entre os sexos. Além disso, a condição controle em relação à condição carnaval promoveu resultados diferenciados, confirmando que o assédio sexual no contexto do carnaval foi percebido com maiores índices de empatia pela vítima e emoções negativas sentidas diante da situação, em comparação ao contexto neutro.

O contexto do trabalho também ativou ausência de diferenças no SB em relação ao sexo dos participantes, como confirmado pela literatura que afirma que o SB é menos identificável como um aspecto negativo na vida das mulheres. O que ocorre devido à sua semelhança inicial com comportamentos positivos, de cuidados e proteção voltados à mulher.

Os resultados indicam que não houve diferenças quanto ao sexo também em relação às demais variáveis. Desta forma, tanto as mulheres quanto os homens, independente do contexto, apresentaram altos níveis de empatia e emoções negativas direcionadas à vítima de violência sexual, altos níveis de culpabilização do agressor e baixos níveis de culpabilização da vítima e de sexismo. Estes dados sugerem que os homens, tanto quando as mulheres, podem perceber com alta gravidade as situações de violência sexual contra a mulher e podem se engajar na luta social a favor dos direitos das mulheres.

De acordo com as leituras realizadas, é possível inferir também que movimentos sociais como o Feminismo e as recentes legislações de proteção às mulheres como a lei Maria da Penha, podem contribuir na construção das normas sociais que estão influenciando como as pessoas lidam com as discriminações, com as infrações de direitos humanos e as violências sofridas pelas mulheres.

Todavia, o estudo possui algumas limitações. À princípio, é possível perceber que os cenários experimentais referentes ao contexto do carnaval e do trabalho podem não ter conseguido se diferenciar entre si tanto quanto o esperado. Deste modo, possivelmente tornaram-se isomórficos, o que pode ter contribuído para a ausência de diferenças nas respostas dos participantes.

O estudo também apresentou uma amostra distribuída de maneira anormal, com o tamanho da amostra em cada condição experimental se diferenciando bastante, sobretudo do cenário controle em comparação aos demais cenários experimentais. Para tanto, seriam necessárias que fossem realizadas também análises estatísticas não-paramétricas, para que fosse possível confirmar ou não os resultados obtidos até o momento. Também é importante que estudos futuros considerem realizar cálculos de comparação e correlação entre as variáveis, ampliando ainda mais a compreensão do objeto de estudo proposto pela presente pesquisa.

Além disso, foram utilizadas medidas de auto-relato, as quais são instrumentos de pesquisa bastante acessíveis. Porém nos quais a desejabilidade social pode ser ativada com maior intensidade. Sendo assim, mesmo rotacionando aleatoriamente as condições experimentais, é possível que os resultados obtidos não tenham encontrado diferenças entre os sexos e entre as condições experimentais na maioria das hipóteses devido a este fator.

A construção dos instrumentos utilizados foi um avanço científico alcançado, promovendo inovação na mensuração dos fenômenos sociais pesquisados. Entretanto, foram

percebidas dificuldades na construção de alguns itens dos questionários ao longo da elaboração do trabalho. Seria importante ajustar tais instrumentos em futuros estudos a fim de promover resultados ainda mais assertivos.

O estudo também contribuiu para o meio científico no que concerne ao seu objeto de estudo. Sabe-se que ainda há poucas pesquisas ao redor do mundo que estudem a relação entre empatia e sexismo, assim como em como a empatia impacta a culpabilização da mulher vítima de violência sexual. Estudos com esta temática podem ser aprofundados a fim de contribuir para o preenchimento das lacunas ainda encontradas neste campo, bem como em como a população pode lidar e buscar diminuir a violência sexual contra a mulher.

Este estudo também pode contribuir no desenvolvimento de políticas públicas de enfrentamento da violência sexual contra a mulher, e incentivar programas de desenvolvimento da empatia neste contexto, como uma variável que pode diminuir as agressões perpetradas e a forma naturalizada que muitas vezes é percebida a situação de violência sexual contra a mulher.

Pesquisas futuras podem replicar este estudo visando compreender o funcionamento destas variáveis em uma amostra maior da população brasileira e buscando compreender ainda mais como a empatia, o sexismo ambivalente e a culpabilização da vítima de relacionam em nosso país. Estudos futuros poderão também buscar compreender se a empatia é uma variável preditora da diminuição dos níveis de SA, da culpabilização da vítima e da violência sexual contra a mulher.

Avanços também poderão ser alcançados ao incluir a variável cor da pele nas análises, visto que o racismo ainda é tão presente em nossa sociedade e pode impactar ainda mais os níveis de culpabilização da vítima de violência sexual. Considerar também o impacto da idade dos indivíduos, seu nível de escolaridade e posição política no sexismo, na empatia e na

culpabilização da vítima pode fornecer maiores explicações sobre nosso contexto cultural, o qual perpassa estes fenômenos.

REFERÊNCIAS

- Allport, G. W. (1995). *The nature of prejudice: unabridged*. (25th anniversary edition). Massachusetts, California, Nova Iorque, Ontario, Inglaterra, Amsterdam, Bonn, Sidney, Singapore, Tokyo, Madri, San Juan, Paris, Seoul, Milão, México, Taipei: Addison-Wesley Publishing Company.
- Almeida, H. B. (dez/2019). From shame to visibility: Hashtag Feminism and Sexual Violence in Brazil. *Sexualidad. Salud y Sociedad*, 33, pp.19-41. Doi <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.33.02.a>
- Almiro, P. A. (2017). Editorial: Uma nota sobre a Desejabilidade Social e o Enviesamento de Respostas. *Avaliação Psicológica*, 16(3), pp. 253-386. doi: <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1603.ed>
- Amodio, D. M. (2014). The neuroscience of prejudice and stereotyping. *Nature Reviews Neuroscience* - Advance Online Publication, 15(10), 1-13. doi: <http://dx.doi.org/10.1038/nrn3800>
- Andrade, C. B. & Assis, S. G. (2018). Assédio moral no trabalho, gênero, raça e poder: revisão de literatura. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 43(11). doi: <http://dx.doi.org/10.1590/2317-6369000012917>
- Andreychik, M. R. & Lewis, E. (2017). Will you help me to suffer less? How about to feel more joy? Positive and negative empathy are associated with different other-oriented motivations. *Personality and Individual Differences*, 105, pp.139-149. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2016.09.038>
- Arnestad, M. N. (2019). Politically Incorrect Statements Do Not Make Leaders Seem More Trustworthy: Randomized Experiments Exploring the Perceptual Consequences of Political Incorrectness. *Management Communication Quarterly*, 00(0), pp.1–25. doi: <https://doi.org/10.1177/0893318919839787>

- Barbosa, L. N. F., Dantas, F. G., Silva, M. A. B. D. & Silva, J. J. D. (julho/dez 2010). Sobre ética e violência sexual: recortes de um caso atendido fora dos serviços especializados. *Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH)*, 13(2), 299-317. Recuperado em 27 de novembro de 2019, avaliado em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582010000200011
- Batson, C. D. (2011). *Altruism in humans* (1ª Ed.). Nova Iorque: Oxford University Press.
- Batson, C. D., Lishner, D. A., & Stocks, E. L. (2015). The Empathy – Altruism Hypothesis. In D. A. Schroeder, & W. G. Graziano (Ed.), *The Oxford Handbook of Prosocial Behavior*. Nova Iorque: Oxford University Press. doi: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195399813.013.023>
- Batson, C. D. (2009). These Things Called Empathy: Eight Related but Distinct Phenomena. In *The social neuroscience of empathy* (pp. 3-16), J. Decety & W. Ickes (Eds.). Cambridge: MIT Press. doi: <http://dx.doi.org/10.7551/mitpress/9780262012973.001.0001>
- Becker, J. C. & Sibley, C.G. (2016). Sexism. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of Prejudice, Stereotyping, and Discrimination* (2ª Ed, pp. 315-335), Nova Iorque: Psychology Press.
- Becker, J. C. & Swim, J. K. (2011). Seeing the Unseen: Attention to Daily Encounters With Sexism as Way to Reduce Sexist Beliefs. *Psychology of Women Quarterly*, 35(2), 227-242. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/0361684310397509>
- Bieneck, S. & Krahe, B. (2011). Blaming the victim and exonerating the perpetrator in cases of rape and robbery: is there a double standard? *Journal of Interpersonal Violence*, 26(9), pp. 1785–1797. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260510372945>
- Boag, E. M., Carnelley, K. B. (2016). Attachment and prejudice: The mediating role of empathy. *British Journal of Social Psychology*, 55, 337–356. doi: <http://dx.doi.org/10.1111/bjso.12132>
- Bongiorno, R., Langbroek, C., Bain, P. G., Ting, M., & Ryan, M. K. (2019). Why Women

- Are Blamed for Being Sexually Harassed: The Effects of Empathy for Female Victims and Male Perpetrators. *Psychology of Women Quarterly*, pp. 1-17. doi: <https://doi.org/10.1177/0361684319868730>
- Bosson, J. K., Pintel, E. C., & Vandello, J. A. (2010). The Emotional Impact of Ambivalent Sexism: Forecasts Versus Real Experiences. *Sex Roles*, 62, pp. 520–531. doi: <https://doi.org/10.1007/s11199-009-9664-y>
- Brasil, Ministério da Saúde & Secretaria de Atenção à Saúde. (2012). Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: Norma Técnica (3ª edição atualizada e ampliada). Recuperado em 26 de novembro de 2019, http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prevencao_agravo_violencia_sexual_mulheres_3ed.pdf
- Brasil, Ministério da Saúde, Ministério da Justiça & Secretaria de políticas para as mulheres (2015). Norma Técnica: Atenção Humanizada às pessoas em situação de Violência Sexual com registro de informações e coleta de vestígios (1ª ed.). Recuperado em 26 de novembro de 2019, avaliado em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_humanizada_pessoas_violencia_sexual_norma_tecnica.pdf
- Brinkman, B. G., Dean, A. M., Simpson, C. K., McGinley, M. & Rosén, L. A. (2015). Bystander Intervention During College Women’s Experiences of Gender Prejudice. *Sex Roles*, 72(11-12), 485–498. doi: <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-015-0485-x>
- Brown, C. S. & Stone, E. A. (2016). Gender Stereotypes and Discrimination: How Sexism Impacts Development. *Advances in Child Development and Behavior*, 50, 105-133. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/bs.acdb.2015.11.001>
- Bueno, S., Pereira, C. e Neme, C. (2019). A invisibilidade da violência sexual no Brasil. In Anuário brasileiro de segurança pública 2019, Fórum Brasileiro de segurança pública

- (Ano 13, pp. 114-119). Recuperado em 3 outubro de 2019, avaliado em: <http://www.forumseguranca.org.br/publica/>
- Cabrera, A. P. & Vianna, V. L. L. (jan/jul.2015). Literatura e Direitos Humanos: Questões sobre Alteridade e Identidade. *Letras & Letras*, 31(1), pp.95-108. Recuperado em 20 de março de 2020, avaliado em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/28878/16806>
- Cerqueira, D., Daniel, D. S. C. (mar/2014). Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde, *Nota Técnica*, 11. Brasília: Instituto de pesquisa econômica aplicada (IPEA). Recuperado em 20 de março de 2020, avaliado em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/140327_notatecnicadie_st11.pdf
- Cisne, M. (jul/dez 2015). Direitos humanos e violência contra as mulheres: uma luta contra a sociedade patriarcal-racista-capitalista. *Serv. Soc. Rev.* 18(1), 138 – 154. doi: <http://dx.doi.org/10.5433/1679-4842.2015v18n1p138>
- Coleman, J. (1958). Relational Analysis: The Study of Social Organizations with Survey Methods. *Human Organization*, 17(4), pp. 28–36. doi: <https://doi.org/10.17730/humo.17.4.q5604m676260q8n7>
- CNPq, 2020. Tabela de Áreas do Conhecimento. Recuperado em 26 de agosto de 2020, avaliado em: <http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>
- Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, Ministério da Saúde. (2012). Carta Circular nº 061/2012/CONEP/CNS/GB/MS. Brasília, 04 de maio de 2012. Recuperado em 29 de novembro de 2019, avaliado em: <http://www.conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/CARTAS/ContaCircular061.pdf>

- Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde. (2012). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Recuperado em 29 de novembro de 2019, avaliado em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html
- Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde. (2016). Resolução nº510, de 07 de abril de 2016. Recuperado em 29 de novembro de 2019, avaliado em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581
- Crowne, D. P., Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24(4), pp.349-354. doi <https://doi.org/10.1037/h0047358>
- Cruz, J. R. G. D. (jun., 2014). Desigualdades persistentes em prejuízo da mulher. *e-Pública*, vol. I, n. 2, pp. 518-538.
- Dancey, C. P. & Reidy, J. (2013). *Estatística sem matemática para Psicologia* (5ª ed.). Porto Alegre: Penso.
- Dancey, C. P. & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para Psicologia: usando spss para windows*. (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Davies, M., Gilston, J. & Rogers, P. (2012). Examining the Relationship Between Male Rape Myth Acceptance, Female Rape Myth Acceptance, Victim Blame, Homophobia, Gender Roles, and Ambivalent Sexism. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(14), 2807–2823. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260512438281>
- Davis, M. H. (1980). A Multidimensional Approach to Individual Differences in Empathy. *JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology*, 10, p. 85.
- Davis, M. H. (1983). Measuring Individual Differences in Empathy: Evidence for a Multidimensional Approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1), p. 113-126. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.113>

- Decety, J. & Yoder, K. J. (2015, Abril). Empathy and motivation for justice: Cognitive empathy and concern, but not emotional empathy, predict sensitivity to injustice for others. *Social Neuroscience*. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/17470919.2015.1029593>
- Decreto Lei Nº 12.015/2009. (2009). Dos crimes contra a dignidade sexual. Diário Oficial da União, Seção 1 (7-8-2009). Recuperado em 3 outubro de 2019, avaliado em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2009/lei-12015-7-agosto-2009-590268-publicacaooriginal-115434-pl.html>
- Deitz, S. R., Blackwell, K. T., Daley, P. C. & Bentley, B. J. (1982). Measurement of Empathy Toward Rape Victims and Rapists. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43(2), pp. 372-384. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.43.2.372>
- Di Palma, M., Arcangeli, E., Latanzzi, D., Gabbiadini, A., Gallucci, M., Cuppini, R., Minelli, A., & Berlingeri, M. (2019). Heart Rate Variability reveals the fight between racially biased and politically correct behavior. *Scientific Reports*, 9:11532. doi: <https://doi.org/10.1038/s41598-019-47888-w>
- Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil Lattes - CNPq, 2020. Árvore do conhecimento. Recuperado em 26 de agosto de 2020, avaliado em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/arvore-do-conhecimento>
- Dodou, D. & Winter, J. C. F. D. (2014). Social desirability is the same in offline, online, and paper surveys: A meta-analysis. *Computers in Human Behavior*, 36, p. 487–495. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2014.04.005>
- Donde, S.D. (2015). College Women’s Attributions of Blame for Experiences of Sexual Assault. *Journal of Interpersonal Violence*, pp. 1–19. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260515599659>
- Dougherty, D. S., & McCormack, M. (2017). Sexual Harassment. *The International Encyclopedia of Organizational Communication* (Editors Craig R. Scott and Laurie

- Lewis). *University of Missouri, USA*: John Wiley & Sons, Inc.
doi: <https://doi.org/10.1002/9781118955567.wbieoc186>
- Durán, M., Moya, M. & Megías, J. L. (2014). Benevolent Sexist Ideology Attributed to an Abusive Partner Decreases Women's Active Coping Responses to Acts of Sexual Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 29(8), 1380–1401. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260513507134>
- Edwards, A. L. (1957). *The social desirability variable in personality assessment and research*. Nova Iorc: Holt, Rinehart and Winston.
- Eisenberg, N., Eggum, N. D. & Di Giunta, L. (2010). Empathy-Related Responding: Associations with Prosocial Behavior, Aggression, and Intergroup Relations. *Social Issues and Policy Review*, 4(1), pp. 143-180. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1751-2409.2010.01020.x>
- Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A., & Buchner, A. (2007). G*Power 3: A flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences. *Behavior Research Methods*, 39(2), pp.175-191.
- Ferguson, K. & Ireland, C. (2012). Attitudes towards victims and perpetrators of hypothetical rape scenarios involving intoxication: an application to the UK. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 4(2), 96-107. doi: <http://dx.doi.org/10.1108/17596591211208300>
- Ferrão, M. C. & Gonçalves, G. (2015). Rape Crimes Reviewed: The Role of Observer Variables in Female Victim Blaming. *Psychological Thought*, 8(1), 47–67. doi: <http://dx.doi.org/10.5964/psyct.v8i1.131>
- Ferrão, M. C., Gonçalves, G., Parreira, T. & Giger, J. C.(2013). Rape-Victim Empathy Scale (REMV): An Exploratory Study in a Portuguese Sample. *Psychological Thought*, 6(2), 283–295. doi: <http://dx.doi.org/10.5964/psyct.v6i2.82>

- Ferreira, M. J. M., Macena, R. H. M., Mota, R. M. S., Neto, R. J. P., Silva, A. M. C., Vieira, L. J. E. S., Kerr, L. R. F. S. (2017). Prevalência e fatores associados à violência no ambiente de trabalho em agentes de segurança penitenciária do sexo feminino no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(9), pp.2989-3002. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.11092017>
- Ferreira, V. C., Silva, M. R. F. D., Montovani, E. H., Colares, L. G., Ribeiro, A. A., & Stofel, N. S. (2020). Saúde da Mulher, Gênero, Políticas Públicas e Educação Médica: Agravos no Contexto de Pandemia. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 44(supl. 1), e147. doi: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200402>
- Field, A. (2009). *Descobrimo a estatística usando o SPSS*. (2ª edição). Porto Alegre: Artmed.
- Filho, M. M., Eufrásio, C. & Batista, M. A. (2011). Estereótipos de Gênero e Sexismo Ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 Anos. *Saúde Soc.*, 20(3), 554-567. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902011000300003>
- Fitz, C. C. & Zucker, A. N. (2014). Feminist With Benefits: College Women's Feminist Beliefs Buffer Sexual Well-Being Amid Hostile (Not Benevolent) Sexism. *Psychology of Women Quarterly*, 38(1), 7-19. doi: <https://doi.org/10.1177/0361684313504736>
- Fonseca, T. S., Portela, A. V. M., Freire, S. E. A. & Negreiros, F. (2018). Assédio Sexual no Trabalho: Uma Revisão Sistemática de Literatura. *Ciências Psicológicas*, 12(1), pp.25-34. doi: <https://doi.org/10.22235/cp.v12i1.1592>
- Formiga, N. S., Golveia, V. & Santos, M. N. (2002, Janeiro/Junho). Inventário de Sexismo Ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em Estudo*, 7(1), p. 103-111. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722002000100013>
- Formiga, N. S. (2006, agosto). Consistência mensurável do sexismo ambivalente no contexto brasileiro. *Psicologia.com.pt*: o portal dos psicólogos. Recuperado em 16 de setembro de 2019, avaliado em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0301>

- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2019). Anuário brasileiro de segurança pública (Ano 13). Recuperado em 26 de novembro de 2019, avaliado em: <http://www.forumseguranca.org.br/publica/>
- Freedman, E. B. (2013). *Redefining Rape: sexual violence in the era of suffrage and segregation*. Estados Unidos da América: Harvard University Press.
- Freitas, M. L. D. & Farinelli, C. A. (2016). As consequências psicossociais da violência sexual. *Revista Em Pauta*, 37(14), 270–295. doi: <http://dx.doi.org/10.12957/REP.2016.25400>
- Gana, K. & Jakubowska, S. (2014). Relationship between infertility-related stress and emotional distress and marital satisfaction. *Journal of Health Psychology*, pp. 1–12. doi: <https://doi.org/10.1177/1359105314544990>
- Garaigordobil, M. (2014). Sexism and Empathy: differences as a function of sociodemographic variables and relations between both constructs. In A. M. Columbus (Ed.), *Advances in Psychology Research* (v. 100, pp. 59-80). Nova Iorque: Nova Science Publishers.
- Gardener, E. K. T., Carr, A. R., MacGregor, A., & Felmingham, K. L. (2013). Sex Differences and Emotion Regulation: An Event-Related Potential Study. *Plos One*, 8(10):e73475. doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0073475>
- Garrido, M. V., Azevedo, C. & Palma, T. (2011). Cognição Social: fundamentos, formulações actuais e perspectivas futuras. *Psicologia: edições colibri*, 15(1), p. 113-157.
- Ghavami, N. & Peplau, L. A. (2012). An Intersectional Analysis of Gender and Ethnic Stereotypes: Testing Three Hypotheses. *Psychology of Women Quarterly*, 37(1), pp. 113-127. doi: <https://doi.org/10.1177/0361684312464203>
- Gilbert, P. (2015). The Evolution and Social Dynamics of Compassion. *Social and Personality Psychology Compass*, 9(6), pp. 239–254. doi: 10.1111/spc3.12176

- Giovannelli, T. S. & Jackson, L. (2013). Sexual violence perceptions among Christian college students. *Mental Health, Religion & Culture*, 16(3), 254–272. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/13674676.2012.657618>
- Glick, P., Diebold, J., Bailey-Werner, B., & Zhu, L. (1997). The two faces of Adam: ambivalent sexism and polarized attitudes toward women. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23(12), pp. 1323-1334. doi: <https://doi.org/10.1177/01461672972312009>
- Glick, P. & Fiske, S. T. (2011). Ambivalent Sexism Revisited. *Psychology of Women Quarterly*, 35(3), 530-535. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/0361684311414832>
- Glick, P. & Fiske, S. T. (2001). An Ambivalent Alliance: Hostile and Benevolent Sexism as Complementary Justifications for Gender Inequality. *Science Watch – American Psychologist*, 56(2), pp. 109-118. doi: <https://doi.org/10.1037//O003-066X.56.2.109>
- Glick, P. & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491-512. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Gondim, S.M.G (2015). Emoções e trabalho. In P. Bendassolli, & J.E. Borges-Andrade, Dicionário de Psicologia do Trabalho e das Organizações. São Paulo: Casapsi Livraria e Editora LTDA.
- Goodman, L. A. (1961). Snowball Sampling. *The Annals of Mathematical Statistics*, 32(1), 148–170. doi: <https://doi.org/10.1214/aoms/1177705148>
- Golveia, V. V., Guerra, V. M., Sousa, D. M. F. D., Santos, W. S. & Costa, J. D. M. (2009). Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne: evidências de sua validade fatorial e consistência interna. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 87-98. Recuperado em 01 de dezembro de 2019, avaliado em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000100008

- Gracia, E., García, F., Lila, M. (2014). Male police officers' law enforcement preferences in cases of intimate partner violence versus non-intimate interpersonal violence: do sexist attitudes and empathy matter? *Criminal justice and behavior*, 41(10), 1195–1213. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/0093854814541655>
- Gracia, E., García, F. & Lila, M. (2011). Police Attitudes Toward Policing Partner Violence Against Women: Do They Correspond to Different Psychosocial Profiles? *Journal of Interpersonal Violence*, 26(1), 189-207. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/0886260510362892>
- Grubb, A. & Turner, E. (2012). Attribution of blame in rape cases: a review of the impact of rape myth acceptance, gender role conformity and substance use of victim blaming. *Aggression and Violent Behavior*, 17, pp. 443-452. doi: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2012.06.002>
- Guedes, H.D., & Gondim, S.M.G. (2020). Emoções. In S.M.G. Gondim (Org.p13-32). Manual de orientação e autodesenvolvimento emocional: Reconhecendo, compreendendo e lidando com as emoções no dia a dia. São Paulo. Vetor.
- Guimarães, M. C. & Pedroza, R. L. S. (2015). Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 256-266. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p256>
- Hanson, G. C., Perrin, N. A., Moss, H., Laharnar, N. & Glass, N. (2015). Workplace violence against homecare workers and its relationship with workers health outcomes: a cross-sectional study. *BMC Public Health*, 15(11). doi: <https://doi.org/10.1186/s12889-014-1340-7>
- Hatfield, E., Carpenter, M. & Rapson, R. L. (2014). Emotional contagion as a precursor to collective emotions. In C. V. Scheve & M. Salmela (Eds), *Collective Emotions:*

- Perspectives from Psychology, Philosophy, and Sociology* (pp. 108-122). Reino Unido: Oxford University Press.
- Hatfield, E., Rapson, R. L. & Le, Y. L. (2009). Emotional Contagion and Empathy. In *The social neuroscience of empathy* (pp. 19-30), J. Decety & W. Ickes (Eds.). Cambridge: MIT Press. doi: <http://dx.doi.org/10.7551/mitpress/9780262012973.001.0001>
- Hellmer, K., Stenson, J. T., Jylhä, K. M. (2018). What's (not) underpinning ambivalent sexism?: Revisiting the roles of ideology, religiosity, personality, demographics, and men's facial hair in explaining hostile and benevolent sexism. *Personality and Individual Differences*, 122, 29–37. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2017.10.001>
- Hoffman, M. L. (2008). Empathy and Prosocial Behavior. In M. Lewis, J. M. Haviland-Jones & L. F. Barret (Eds), *Handbook of Emotions*, (3ª edição, pp.440-455), Nova Iorque: The Guilford Press.
- Hudson, S. T. J., Cikara, M. & Sidanius, J. (2019). Preference for hierarchy is associated with reduced empathy and increased counter-empathy towards others, especially out-group targets. *Journal of Experimental Social Psychology*, 85. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2019.103871>
- Ipas Brasil. (2005). *Violência Sexual no Brasil: perspectivas e desafios*, Souza, C. D. M. & Adesse, L. (orgs.). Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.
- Katz, J., Merrilees, C., Hoxmeier, J. C., & Motisi, M. (2017). White Female Bystanders' Responses to a Black Woman at Risk for Incapacitated Sexual Assault. *Psychology of Women Quarterly*, pp. 1-13. doi: <https://doi.org/10.1177/0361684316689367>
- Kennedy, A. C., & Prock, K. A. (2016). “I Still Feel Like I Am Not Normal’’: A Review of the Role of Stigma and Stigmatization Among Female Survivors of Child Sexual Abuse, Sexual Assault, and Intimate Partner Violence. *Trauma, Violence, & Abuse*, pp. 1-16. doi: <https://doi.org/10.1177/1524838016673601>

- Klimecki, O. M. (2015). The plasticity of social emotions. *Social Neuroscience*. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/17470919.2015.1087427>
- Kochersberger, A. O., Ford, T. E., Woodzicka, J. A., Romero-Sanchez, M. & Carretero-Dios, H. (2014). The role of identification with women as a determinant of amusement with sexist humor. *Humor*, 27(3), 441–460. doi: <http://dx.doi.org/10.1515/humor-2014-0071>
- Koepke, S., Eyssel, F. & Bohner, G. (2014). “She Deserved It”: Effects of Sexism Norms, Type of Violence, and Victim’s PreAssault Behavior on Blame Attributions Toward Female Victims and Approval of the Aggressor’s Behavior. *Violence Against Women*, 20(4), 446–464. doi: <https://doi.org/10.1177/1077801214528581>
- Kong, F., Zhen, Z., Li, J., Huang, L., Wang, X., Song, Y., & Liu, J. (2014). Sex-Related Neuroanatomical Basis of Emotion Regulation Ability. *Plos One*, 9(5): e97071. doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0097071>
- Krumpal, I. (2011). Determinants of social desirability bias in sensitive surveys: a literature review. *Qual Quant*, 47, p. 2025–2047. doi: <http://dx.doi.org/10.1007/s11135-011-9640-9>
- Lamm, C. & Silani, G. (2014). Insights into collective emotions from the social neuroscience of empathy. In C. V. Scheve & M. Salmela (Eds), *Collective Emotions: Perspectives from Psychology, Philosophy, and Sociology* (pp. 63-77). Reino Unido: Oxford University Press.
- Larson, R. B. (2018). Controlling social desirability bias. *International Journal of Market Research*, 00(0), pp.1–14. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/1470785318805305>
- LeMaire, K. L., Oswald, D. L. & Russell, B. L. (2016). Labeling Sexual Victimization Experiences: The Role of Sexism, Rape Myth Acceptance, and Tolerance for Sexual Harassment. *Violence and Victims*, 31(2), 332-346. doi: <http://dx.doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-13-00148>
- Lemonaki, E., Manstead, A. S. R., & Maio, G. R. (2015). Hostile sexism (de)motivates

- women's social competition intentions: The contradictory role of emotions. *British Journal of Social Psychology*, 54, pp. 483–499. doi: <https://doi.org/10.1111/bjso.12100>
- Lemus, S. D., Navarro, L., Velásquez, M. J., Ryan, E., Megias, J. L. (2014). From Sex to Gender: A University Intervention to Reduce Sexism in Argentina, Spain, and El Salvador. *Journal of Social Issues*, 70(4), 741-762. doi: <http://dx.doi.org/10.1111/josi.12089>
- Lila, M., Gracia, E. & García, F. (2010). Actitudes de la policía ante la intervención en casos de violencia contra la mujer en las relaciones de pareja: influencia del sexismo y la empatía. *Revista de Psicología Social*, 25(3), 313-323. doi: <https://doi.org/10.1174/021347410792675570>
- Lila, M., Gracia, E., García, F. (2013). Ambivalent sexism, empathy and law enforcement attitudes towards partner violence against women among male police officers. *Psychology, Crime & Law*, 19(10), 907-919. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/1068316X.2012.719619>
- Lima, G. H. A. & Sousa, S. M. A. (set-out/2015). Violência psicológica no trabalho da enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 68(5), pp.817-823. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680508i>
- Lima, M. C. D. D., Larocca, L. M. & Nascimento, D. J. (2019, Abril/ Junho). Abortamento legal após estupro: histórias reais, diálogos necessários. *Saúde Debate*, 43(121), pp. 417-428. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201912110>
- Lorenzo-Seva, U., & Van Ginkel, J. R. (2016). Multiple Imputation of missing values in exploratory factor analysis of multidimensional scales: estimating latent trait scores. *Anales de Psicología/Annals of Psychology*, 32(2), 596-608. doi: <https://doi.org/10.6018/analesps.32.2.215161>

- Lungu, O., Potvin, S., Tikász, A., & Mendrek, A. (2015). Sex differences in effective fronto- limbic connectivity during negative emotion processing. *Psychoneuroendocrinology*. doi: <http://dx.doi.org/doi:10.1016/j.psyneuen.2015.08.012>
- Machado, L. F., Murofuse, N. T. & Martins, J. T. (jul-set.2016). Vivências de ser trabalhador na agroindústria avícola dos usuários da atenção à saúde mental. *Saúde Debate*, 40(110), pp.134-147. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201611010>
- Macrae, C. N. & Quadflieg, S. (2010). Perceiving People. In S. T. Fiske, D. T. Gilbert & G. Lindzey (Ed.). *Handbook of Social Psychology* (5^a ed., vol. 2, pp. 428-463). Copyright: John Wiley & Sons. doi: <http://dx.doi.org/10.1002/9780470561119>
- MacQueen, R. A., & Knussen, C. (2013). *Introduction to research methods and statistics in psychology: a practical guide for the undergraduate researcher* (2^a ed.). Edinburgh Gate, Reino Unido: Pearson Education Limited.
- Manoussaki, K. & Veitch, F. (jun., 2015). Ambivalent Sexism, Right Wing Authoritarianism and Rape Myth Acceptance in Scotland. *International Journal of Gender and Women's Studies*, 3(1), pp. 88-100. doi: <https://doi.org/10.15640/ijgws.v3n1p9>
- Marlowe, D., & Crowne, D. P. (1961). Social desirability and response to perceived situational demands. *Journal of Consulting Psychology*, 25(2), 109-115. doi: <https://doi.org/10.1037/h0041627>
- Marques, E. S., Moraes, C. L. D., Hasselmann, M. H., Deslandes, S. F., & Reichenheim, M. E. (2020). Thematic Section: covid-19 - public health contributions: Violence against women, children, and adolescents during the COVID-19 pandemic: overview, contributing factors, and mitigating measures. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(4). doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00074420>
- Mayr, S., Erdfelder, E., Buchner, A., & Faul, F. (2007). A short tutorial of *Gpower*. *Tutorials in Quantitative Methods for Psychology*, 3(2), pp. 51-59.

- Moreira, L. V., DeSouza, M. L. & Guerra, V. M. (2018). Self-Perception, Empathy and Moral Self-Concept Predict Moral Concerns in Adults. *Paidéia*, 28, e2818. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4327e2818>
- Morelli, S. A., Lieberman, M. D., & Zaki, J. (2015). The Emerging Study of Positive Empathy. *Social and Personality Psychology Compass*, 9(2), pp. 57–68. doi: <https://doi.org/10.1111/spc3.12157>
- Morrison, A. S., Mateen, M. A., Brozovich, F. A., Zaki, J., Goldin, P. R., Heimberg, & R. G. Gross, J. J. (2016). Empathy for positive and negative emotions in social anxiety disorder. *Behaviour Research and Therapy*. doi: <https://doi.org/10.1016/j.brat.2016.10.005>
- Murphy, J., Samples, J., Morales, M. & Shadbeh, N. (fev/2014). “They Talk Like That, But We Keep Working”: Sexual Harassment and Sexual Assault Experiences Among Mexican Indigenous Farmworker Women in Oregon. *J Immigrant Minority Health*, Nova York: Springer Science + Business Media. doi: <https://doi.org/10.1007/s10903-014-9992-z>
- Netto, L. D. A., Moura, M. A. V., Queiroz, A. B. A., Tyrrell, M. A. R. & Bravo, M. D. M. P. (2014). Violência contra a mulher e suas consequências. *Acta Paul Enferm.*, 27(5), 458-64. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201400075>
- Nicol, A. A. M. & Rounding, K. (2013). Alienation and empathy as mediators of the relation between Social Dominance Orientation, Right-Wing Authoritarianism and expressions of racism and sexism. *Personality and Individual Differences*, 55, 294–299. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2013.03.009>
- Nunes, T. S. & Tolfo, S. R. (abr/2015). O assédio moral no contexto universitário: uma discussão necessária. *Revista de Ciências da Administração*, 17(41), pp.21-36. doi: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8077.2015v17n41p21>

- Onu, D., Kessler, T., & Smith, J. R. (2016). Admiration: A Conceptual Review. *Emotion Review*, pp. 1–13. doi: 10.1177/1754073915610438
- Osman, S. L. (2011). Predicting Rape Empathy Based on Victim, Perpetrator, and Participant Gender, and History of Sexual Aggression. *Sex Roles*, 64, pp.506–515. doi: <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-010-9919-7>
- Osman, S. L. (2016). Predicting Rape Victim Empathy Based on Rape Victimization and Acknowledgment Labeling. *Violence Against Women*, 22(7), pp. 767–779. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/1077801215610864>
- Paciello, M., Fida, R., Cerniglia, L., Tramontano, C., Cole, C. (2013). High cost helping scenario: The role of empathy, prosocial reasoning and moral disengagement on helping behavior. *Personality and Individual Differences*, 55, pp. 3–7. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2012.11.004>
- Paladino, M. P., Zaniboni, S., Fasoli, F., Vaes, J., & Volpato, C. (2014). Why did Italians protest against Berlusconi's sexist behaviour? The role of sexist beliefs and emotional reactions in explaining women and men's pathways to protest. *British Journal of Social Psychology*, 53, pp. 201–216. doi:10.1111/bjso.12023
- Paulhus, D. L. (1984). Two-component models of socially desirable responding. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(3), pp.598-609. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.46.3.598>
- Pereira, C., Torres, A. R. R. & Almeida, S. T. (2003). Um Estudo do Preconceito na Perspectiva das Representações Sociais: Análise da Influência de um Discurso Justificador da Discriminação no Preconceito Racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 95-107.

- Pereira, M. E. (2013). Cognição social. In L. Camino, A. R. Torres, M. E. O. Lima & M. E. Pereira (Org.), *Psicologia social: temas e teorias* (2ª ed., vol. 1, pp. 191-260). Brasília: Technopolitik.
- Persson, S., Dhingra, K., & Grogan, S. (2018). Attributions of victim blame in stranger and acquaintance rape: A quantitative study. *Journal of Clinical Nursing Wiley* (27), pp. 2640-2649. doi: <https://doi.org/10.1111/jocn.14351>
- Preckel, K., Kanske, P., & Singer, T. (fev., 2018). On the interaction of social affect and cognition: empathy, compassion and theory of mind. *Current Opinion in Behavioral Sciences* (19). doi: <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2017.07.010>
- Renzetti, C. M., Lynch, K. R. & DeWall, C. N. (2015). Ambivalent Sexism, Alcohol Use, and Intimate Partner Violence Perpetration. *Journal of Interpersonal Violence*, 1–28. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/0886260515604412>
- Reynolds, W. M. (1982). Development of reliable and valid short forms of the Marlowe-Crowne social desirability scale. *Journal of Clinical Psychology*, 38(1), p. 119-125. doi: [https://doi.org/10.1002/1097-4679\(198201\)38:1<119::AID-JCLP2270380118>3.0.CO;2-I](https://doi.org/10.1002/1097-4679(198201)38:1<119::AID-JCLP2270380118>3.0.CO;2-I)
- Ribas, R. D. C., Moura, M. L. S. D. & Hutz, C. S. (2004). Adaptação brasileira da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne. *Avaliação Psicológica*, 3(2), 83-92. Recuperado em 01 de dezembro de 2019, avaliado em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712004000200003
- Rudman, L. A. (2005). Rejection of Women? Beyond Prejudice as Antipathy. In J. F. Dovidio, P. Glick & L. A. Rudman (Ed.), *On the nature of prejudice: fifty years after Allport* (pp. 106-120). Oxford (UK): Blackwell Publishing Ltd.

- Ruiz, J., Expósito, F. & Bonache, H. (2010). Adolescent witnesses in cases of teen dating violence: an analysis of peer responses. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 2(1), 37-53.
- Sampaio, L. R., Guimarães, P. R. B., Camino, C. P. D. S., Formiga, N. S. & Menezes, I. G. (2011, Março). Estudos sobre a dimensionalidade da empatia: tradução e adaptação do Interpersonal Reactivity Index (IRI). *Psico - PUCRS*, 42(1), p. 67-76, Recuperado em 7 de setembro de 2019, avaliado em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/issue/view/454>
- Sakallı-Uğurlu, N., Yalçın, Z. S. & Glick, P. (2007). Ambivalent Sexism, Belief in a Just World, and Empathy as Predictors of Turkish Students' Attitudes Toward Rape Victims. *Sex Roles*, 57, pp. 889–895. doi: <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-007-9313-2>
- Shaughnessy, J.J.; Zechmeister, E.B. & Zeachmeister, J.S. (2012). *Metodologia de Pesquisa em Psicologia* (9ª ed.). Porto alegre: AMGH.
- Shih, M., Wang, E., Bucher, A. T. & Stotzer, R. (2009). Perspective Taking: Reducing Prejudice Towards General Outgroups and Specific Individuals. *Group Processes & Intergroup Relations*, 12(5), pp. 565–577. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/1368430209337463>
- Silveira, D.T. & Córdova, F.P. (2009). A pesquisa científica. In T. E. Gerhardt & D. T. Silveira (Eds.), *Métodos de pesquisa* (p. 31-42). Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Smith, C. A. & Frieze, I. H. (2003). Examining Rape Empathy From the Perspective of the Victim and the Assailant. *Journal of Applied Social Psychology*, 33(3), pp. 476-498. doi: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1559-1816.2003.tb01907.x>
- Sousa, T. C. C. D., Coelho, A. S. F., Mattos, D. V. D., Valadares, J. G., Lima, M. R. G. D., Costa, P. S. & Sousa, M. A. A. (2019). Características de mulheres vítimas de violência

- sexual e abandono de seguimento de tratamento ambulatorial. *Cad. Saúde Colet.*, 27(2), pp. 117-123. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1414-462X201900020059>
- Souza, F. B. C. D., Drezett, J., Meirelles, A. D. C. & Ramos, D. G. R. (2013). Aspectos psicológicos de mulheres que sofrem violência sexual. *Reprodução & Climatério*, 27(3), 98–103. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.recli.2013.03.002>
- Stander, V. A. & Thomsen, C. J. (Jan/2016). Sexual Harassment and Assault in the U.S. Military: A Review of Policy and Research Trends. *Military Medicine*, 181, pp.20-27. doi: <https://doi.org/10.7205/MILMED-D-15-00336>
- Stangor, C. (2016). The Study of Stereotyping, Prejudice, and Discrimination within Social Psychology: a quick history of theory and research. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of Prejudice, Stereotyping, and Discrimination*, (2^a ed., pp. 3-27). New York: Psychology Press.
- Staub, E. (2015). The Roots of Helping, Heroic Rescue and Resistance to and the Prevention of Mass Violence: Active Bystandership in Extreme Times and in Building Peaceful Societies. In D. A. Schroeder & W. G. Graziano (Ed.), *The Oxford Handbook of Prosocial Behavior*. New York, NY, US: Oxford University Press. doi: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195399813.013.016>
- Stewart, A. L. (2014). The Men's Project: A Sexual Assault Prevention Program Targeting College Men. *Psychology of Men & Masculinity*, 15(4), 481-485. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/a0033947>
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais*, Vol. I. Lisboa: Livros Horizonte.
- Telle, N. & Pfister H. (2015). Positive Empathy and Prosocial Behavior: A Neglected Link. *Emotion Review*, p. 1–10. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/1754073915586817>.
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality Assessment of Ordered Polytomous Items with Parallel Analysis. *Psychological Methods*, 16, 209-220. doi:

<https://doi.org/10.1037/a0023353>

- Üzümcü, B. (abr. 2016). Study of Social Desirability Levels of Female Youth Camp Leader Candidates in Accordance with Some Variables. *Journal of Education and Training Studies*, 4(7). doi: <https://doi.org/10.11114/jets.v4i7.1433>
- Vásquez, L. W. F. (out., 2019). “Cuentos que no son cuentos”: acoso sexual, violencia naturalizada en las aulas universitarias. *Nómadas 51*, Universidad Central – Colombia. doi: 10.30578/nomadas.n51a8
- Ventura, S., Cardenas, G., Miragall, M., Riva, G., & Baños, R. (2020). How Does It Feel to Be a Woman Victim of Sexual Harassment? The Effect of 360-Video-Based Virtual Reality on Empathy and Related Variables. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 00(00). doi: <https://doi.org/10.1089/cyber.2020.0209>
- Watkins, P. C., Emmons, R. A., Greaves, M. R., Bell, J. (2017). Joy is a distinct positive emotion: Assessment of joy and relationship to gratitude and well-being. *The Journal of Positive Psychology*. doi: <https://doi.org/10.1080/17439760.2017.1414298>
- Weiss, L. A., Westerhof, G. J., Bohlmeijer, E. T. (jun., 2016). Can We Increase Psychological Well-Being? The Effects of Interventions on Psychological WellBeing: A Meta-Analysis of Randomized Controlled Trials. *Plos One* 11(6). doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0158092>
- Whittle, S., Yucel, M., Yap, M. B. H., & Allen, N. B. (2011). Sex differences in the neural correlates of emotion: evidence from neuroimaging. *Biological Psychology*, 87(3), pp. 319-33. doi: <https://doi.org/10.1016/j.biopsycho.2011.05.003>
- Zaki, J. & Ochsner, K. (2016). Empathy. In L. F. Barrett, M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of Emotions* (4^aed., pp. 871-884). Nova Iorque: The Guilford Press.
- Zingales, R. (jan-jun.2013). Vivencia del acoso sexual en el trabajo, afrontamiento y respuesta institucional. Caso funcionarias policiales en Venezuela. *Salud de los*

trabajadores (Maracay), 21(1), pp. 41-55. Recuperado em 20 de março de 2020, avaliado em http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1315-01382013000100005

ANEXOS

Anexo 1. Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

Prezada(o) participante,

Esta pesquisa tem o objetivo de conhecer a opinião das pessoas sobre as relações entre homens e mulheres. É importante que você responda de maneira sincera. Não há resposta certa ou errada, o que importa é a sua opinião. Lembre-se que o seu anonimato e a confidencialidade de suas respostas serão preservados. Além disso, a sua participação é voluntária e, caso deseje, pode interrompê-la à qualquer momento.

Esta pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia (CEP-IPS UFBA), o que pode ser consultado pelo código CAAE 28479819.5.0000.5686. Caso tenha alguma dúvida, você pode entrar em contato com a pesquisadora responsável, Beatriz Hessel, através do e-mail beatrizhessel92@gmail.com. Caso tenha qualquer tipo de denúncia ou reclamação sobre a condução ética do estudo, você pode entrar em contato com o CEP-IPS, telefone (71) 3283-6437 e e-mail cepips@ufba.br.

Sua participação é muito importante para nós! Desde já, agradecemos.

Caso você concorde em participar, clique no botão abaixo.

Aceito participar.

Anexo 2. Instrumento utilizado na pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IPS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGPSI
MESTRADO ACADÊMICO E DOUTORADO



QUESTIONÁRIO

A seguir, será apresentada uma história fictícia que descreve uma situação. Por favor, leia com atenção e responda às questões a seguir. Para isso, clique no botão ao final da leitura:

Cenário 1 (Carnaval)

Em uma noite iluminada de sexta-feira de carnaval em Salvador, Letícia estava animada para chegar ao bloco de carnaval com suas amigas. Tinha a expectativa de dançar, beber bastante e se divertir. Após algum tempo em que estava na festa, um homem se aproximou, a puxou pelo braço e a beijou, sem conversar com ela. Enquanto a beijava, também passou as mãos por seu corpo. Depois de beijá-la, rapidamente o homem se afastou e voltou a pular carnaval.

Cenário 2 (Trabalho)

Letícia acorda todos os dias às 6 horas da manhã para chegar ao trabalho bem cedo. Ela trabalha em uma empresa de administração. Como de costume, seu chefe solicitou sua participação em uma reunião de negócios, a qual aconteceria com outros colegas administradores. Após terminar a reunião, seu chefe pediu que Letícia permanecesse na sala

para conversar. Em seguida, ele fechou a porta da sala e se aproximou dela, a puxou pelo braço e a beijou, sem conversar com ela. Enquanto a beijava, também passou as mãos por seu corpo. Depois de beijá-la, rapidamente seu chefe se afastou e voltou a trabalhar.

Cenário 3 (Controle/neutro)

Letícia acorda todos os dias às 6 horas da manhã para chegar ao trabalho bem cedo. Ela trabalha em uma empresa de administração. Como de costume, seu chefe solicitou sua participação em uma reunião de negócios, a qual aconteceria com outros colegas administradores. Após terminar a reunião, seu chefe pediu que Letícia permanecesse na sala para conversar sobre o desempenho da empresa no mercado. Depois da reunião, seu chefe se afastou e voltou a trabalhar.

1. Após a leitura da vinheta, gostaríamos que respondesse o que você sentiu. Por favor, nos indique através da escala, em que 1= Nada e 5= Muito:

1. Senti tristeza	1	2	3	4	5
2. Senti medo	1	2	3	4	5
3. Senti raiva	1	2	3	4	5
4. Senti vergonha	1	2	3	4	5
5. Senti impotência	1	2	3	4	5
6. Senti indiferença	1	2	3	4	5
7. Senti compaixão	1	2	3	4	5
8. Senti satisfação	1	2	3	4	5
9. Senti alegria	1	2	3	4	5
10. Senti bem-estar	1	2	3	4	5
11. Senti admiração	1	2	3	4	5

2. A seguir, apresentamos algumas afirmações sobre como você se sentiria se estivesse no lugar de Letícia. Por favor, nos indique o quanto você concorda com as afirmações, em que 1) discordo totalmente; 2) discordo parcialmente; 3) não discordo e nem concordo; 4) concordo parcialmente; 5) concordo totalmente.

1. Consigo imaginar que Letícia se sentiu lisonjeada.	1	2	3	4	5
2. Consigo compreender que Letícia se sentiu bastante indefesa.	1	2	3	4	5
3. Acredito que ela não se importou com o que aconteceu.	1	2	3	4	5
4. Imagino que ela se sentiu desconfortável após o que aconteceu.	1	2	3	4	5
5. Se eu fosse Letícia, me sentiria triste.	1	2	3	4	5
6. Acho fácil assumir a perspectiva de Letícia.	1	2	3	4	5
7. Se eu fosse Letícia, me sentiria desprotegida.	1	2	3	4	5
8. Imagino que ela se sentiu humilhada.	1	2	3	4	5
9. Imagino que ela se sentiu aflita.	1	2	3	4	5
10. Imagino que ela se sentiu com a auto-estima alta após o ocorrido.	1	2	3	4	5
11. Se eu fosse amiga/o de Letícia, ficaria tranquilo após o ocorrido.	1	2	3	4	5
12. Se eu fosse Letícia, pensaria que o homem gosta de mim.	1	2	3	4	5
13. Acho que Letícia se sentiu enojada após o ocorrido.	1	2	3	4	5
14. Acredito que Letícia sentiu-se alegre após o ocorrido.	1	2	3	4	5
15. Na situação de Letícia, eu me sentiria aflita/o.	1	2	3	4	5
16. Na situação de Letícia, eu me sentiria vulnerável.	1	2	3	4	5
17. Conseguiria compreender se Letícia sentisse raiva.	1	2	3	4	5
18. Compreenderia se ela se sentisse com vergonha pelo o que aconteceu.	1	2	3	4	5
19. Imagino que ela se sentiu forçada a beijar o homem.	1	2	3	4	5

3. A seguir, apresentaremos afirmações sobre o comportamento do homem em relação à Letícia. Por favor, nos indique o quanto você concorda com as afirmações, em que 1) discordo totalmente; 2) discordo parcialmente; 3) não discordo e nem concordo; 4) concordo parcialmente; 5) concordo totalmente.

1. O que o homem fez com Letícia foi apenas uma brincadeira.	1	2	3	4	5
2. Acredito que o homem merece ser denunciado por Letícia na delegacia.	1	2	3	4	5
3. O homem achou que Letícia gostou do que aconteceu.	1	2	3	4	5
4. O homem se sentiu provocado por Letícia e por isso agiu assim.	1	2	3	4	5
5. O comportamento do homem foi preconceituoso.	1	2	3	4	5
6. O homem não causou nenhum dano para Letícia.	1	2	3	4	5
7. O homem achou que a roupa de Letícia estava provocante.	1	2	3	4	5
8. O homem foi grosseiro com Letícia.	1	2	3	4	5
9. O homem mostrou que gosta de Letícia.	1	2	3	4	5
10. O homem agiu assim pois achou Letícia linda.	1	2	3	4	5

*Item 6 foi recodificado na AFE, mas aqui encontra-se o original.

4. A seguir, apresentaremos afirmações sobre como homens e mulheres se relacionam. Por favor, nos indique o quanto você concorda com as afirmações, em que 1) discordo totalmente; 2) discordo parcialmente; 3) não discordo e nem concordo; 4) concordo parcialmente; 5) concordo totalmente.

1. Homem não se sente completo sem o amor de uma mulher.	1	2	3	4	5
2. Em nome da igualdade, as mulheres procuram privilégios.	1	2	3	4	5
3. Em catástrofes, mulheres devem ser resgatadas primeiro.	1	2	3	4	5
4. Mulheres interpretam ações inocentes como sendo sexistas.	1	2	3	4	5

5. Mulheres se ofendem muito facilmente.	1	2	3	4	5
6. Ninguém é feliz sem ter um(a) companheiro(a).	1	2	3	4	5
7. Feministas procuram que as mulheres tenham mais poder.	1	2	3	4	5
8. Mulheres têm pureza que poucos homens possuem.	1	2	3	4	5
9. Mulheres devem ser queridas e protegidas por homens.	1	2	3	4	5
10. Mulheres não dão valor a tudo o que os homens fazem por elas.	1	2	3	4	5
11. Mulheres procuram poder controlando aos homens.	1	2	3	4	5
12. Todo homem deve ter uma mulher a quem amar.	1	2	3	4	5
13. Homem está incompleto sem mulher.	1	2	3	4	5
14. Mulheres exageram problemas no trabalho.	1	2	3	4	5
15. Mulher procura controlar o homem comprometido com ela.	1	2	3	4	5
16. Mulheres alegam discriminação em derrotas justas.	1	2	3	4	5
17. Uma boa mulher deve ser posta no pedestal por seu homem.	1	2	3	4	5
18. Mulheres atraem sexualmente e depois rejeitam aos homens.	1	2	3	4	5
19. Mulheres têm maior sensibilidade moral.	1	2	3	4	5
20. Homens devem prover segurança econômica às mulheres.	1	2	3	4	5
21. Feministas fazem demandas irracionais aos homens.	1	2	3	4	5
22. Mulheres são mais refinadas e têm melhor bom gosto.	1	2	3	4	5

Dados Sociodemográficos:

1. **Você se identifica como:** Mulher Homem Não binário Outro

2. **Idade:** _____

3. **Qual a sua raça/cor:**

Parda Branca Preta Indígena Amarela

4. Qual sua orientação sexual:

Bissexual Homossexual Heterossexual Outro _____

5. Qual seu estado civil:

Casado / União Estável Em um relacionamento sério Solteiro

Viúvo Separado / Divorciado Outro _____

6. Qual sua profissão:

Estuda

Trabalha. Qual sua profissão? _____

7. Nível de escolaridade máximo:

Ensino fundamental incompleto Ensino fundamental completo

Ensino médio incompleto Ensino médio completo

Ensino superior incompleto Ensino superior completo

Pós-graduação incompleto Pós-graduação completo

8. Região em que mora:

Nordeste Norte Sul Sudeste Centro-oeste

9. Qual é a renda mensal da sua família:

até 1.000 reais de 1.000 à 3.000 reais de 3.000 à 5.000 reais de 5.000 à 10.000 reais mais de 10.000 reais

10. Qual sua religião:

Protestante/Evangélica Espírita Candomblé Católica Ateu

Não tenho Outra: _____

11. Indique a sua posição política a partir da escala abaixo:

Esquerda _____ Centro _____ Direita